

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO IV

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1917

Nº 48

Grupo mantenedor: Maciel da Costa, Parga Rodrigues, Souza Reis, (redatores); B. Klinger, Lima e Silva, Pompeu Cavalcanti, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, Amaro Villa Nova, J. Ramalho, Marcolino Fagundes, Pantaleão Pessoa.

SUMMARIO

PARTE EDITORIAL

Termo ás ficções — Notas sobre a Industria do aço

PARTE JORNALISTICA

Na seára alheia.....	Coronel Tasso Fragoso
Felix culpa!	Maciel da Costa
A batalha do outomno na Cham-pagne.....	Traducção
Estado actual da cavallaria argen-tina	1º Tte Euclides Figueiredo
Modificações necessarias	1º Tte Pantaleão Pessoa
Da Província	1º Tte B. Klinger
O problema da promoção	1º Tte Villanova Machado
Economias.....	1º Tte Daltro Filho
Sobre a instrucción do artilheiro de costa.....	Capitão Jansen Tavares

NOTICIARIO

O interesse pessoal e os interesses collectivos —
Publicações recebidas — Expediente.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: MACIEL DA COSTA, PARGA RODRIGUES e SOUZA REIS

N.º 48

Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1917

Anno IV

PARTE EDITORIAL

Termo ás ficções.

OI sancionada a resolução do Congresso que autorisa o poder executivo a tomar as providencias necessarias á organisação da defesa nacional, tornando efficientes os elementos materiaes que a devem constituir, completo e apto o pessoal que os tem de utilizar.

A reconstituição do nosso poder militar, que as circumstancias fizeram afinal comprehender não ser possivel procrastinar, implica consideravel dispendio. Conciliar o sacrificio que a dignidade nacional, as responsabilidades de recente gesto impõem sob varias modalidades á massa da população, é de certo obra penosa que se offerece ao tacto e sciencia dos nossos estadistas e governantes.

As despezas a effectuar, — mostra-o o estudo completo do problema militar—, se agrupam nas de ordem permanente, como permanentes são os elementos, ora incompletos, que as originam, e nas de caracter transitorio, assim ententidas aquellas condizentes aos recursos e meios materiaes de preparo e de acção que de todo ou em parte nos faltam.

Vultuosas umas e outras se apresentam aos que estão no pleno conhecimento da constituição dos modernos apparelhos

militares; e para que ao nosso sejam de proveito, tenham a justificativa com que o consenso dos povos as admitte e tolera no organismo das nações, é mistér que as medidas a executar correspondam ás urgencias reaes da instituição.

Falho, sem vida, arraigado de vicios, muitos com profundas raizes na morbida politica que exhaure as melhores energias nacionaes, nosso mecanismo militar requer intima remodelaçao que, precisamente por isso, não pode ser feita de tropel, á mercê de opiniões desautorisadas, de interesses senão e apenas os da grande communitade.

A tarefa de reformas radicaes, envolvendo condições intrinsecas da vida dos povos, onde quer que os factos e o tempo as determinem, tem feito emergir das camadas anonymas individualidades de excepcional valor, a que o julgamento dos contemporaneos e a veneração dos posteriores prestam sempre a merecida justiça. Tambem ha sido o traíçoeiro escolho onde se esborrâ a inconsistencia de renomes erguidos na aura da fortuna, ao fastigio das posições.

E' que para dirimir problemas vinculados á constituição e destino das sociedades, são precisos estudos amadurecidos pela experienca, conhecimento particular dos homens e das cousas, simultaneamente capacidade para conceber, energia para a execução.

As dificuldades ao enfrentar questões dessa natureza crescem com o gráo de progresso e civilisação de cada povo, a

influencia de sua indole e costumes, factores que actuam com preponderancia nas doutrinas e principios a instituir.

O trabalho essencial ao estabelecimento de nossa defeza não é felizmente de tal transcedencia, não depende de uma mentalidade privilegiada, de talentos e virtudes de raro brilho. Tão estudado e cuidado tem sido o problema do preparo militar das nações, — em essencia o mesmo por toda a parte —, que os obices a vencer residem menos nos processos e methodos a seguir, do que na forma de execução, no emprego delles, para se chegar a resultados rigorosamente exactos.

Certo ha qualidades indispensaveis aos individuos que, por iniciativa propria ou envoltos na corrente dos factos, são levados a emprehender a reordenação e normalidade de serviços particulares ou publicos pertencentes a emprezas ou instituições desorganisadas e aluidas, quasi sempre pelos erros e incompetencia dos directores.

O saber profissional e sobretudo pratico, servido por intelligencia vivaz e penetrante, devotamento extreme á causa, pertinacia e actividade, vigor, energia e caracter, são predicados cujo apuro põe em relevo o vulto dos organisadores de escol.

Os chefes militares incumbidos de estudar e solver as exigencias cada vez mais sérias da organisação dos exercitos nacionaes, carecem possuir não só attributos pessoaes que os designem ao exercicio do alto commando na guerra, como preparação comprovada e indiscutivel para esta grandiosa missão.

Não pode conceber e realisar quem não prima por uma esmerada cultura profissional, e no espirito não tenha vincos de trabalhos praticados nos successivos degraos da hierarchia, com o cabedal e o tirocinio colhidos no lidar continuo da profissão.

Como quer que tivermos de passar da reconhecida deficiencia do nosso organismo

militar, á vida que lhe é indispensavel, razão unica de sua existencia, desperta vivo interesse o exame de importante preliminar, qual saber se os orgãos da administração publica estão devidamente autorisados a pôr em ordem, completar e dar vigor aos elementos que o formam, e se para tanto foram providos de recursos.

Percebe-se a flagrante actualidade desse exame, porque delle depende o primeiro movimento para dar fim ás injecções periodicas e improficias com que se tem pretendido vitalizar as forças armadas. O problema militar só pode ser tomado em seus devidos termos, na segurança de não encontrarem as medidas conducentes á solução definitiva, obstaculos insuperaveis, disfarçados em liberdade apparente de acção.

O balanço consciencioso do estado actual da instituição em seus varios aspectos, para confronto com um typo modelar, hade determinar o *deficit* total e o desfalque de cada parcella, tida em conta a relatividade. E logo as medidas principaes para produzir o equilibrio se tornarão nitidas, menos exhaustivo o labor de pratical-as.

Nas diversas phases do projecto denominado da defeza nacional, foram objecto de impugnação algumas providencias adoptadas, e conforme a argucia, o modo de ver de cada commentador, ora se o julgou de effeito sedativo, ora com a excelente e miraculosa virtude de curar de chôfre todos os males.

Vendo-o com deliberado animo de acerto e justiça, temos em consciencia de opinar que, mau grado as nebulosidades e imprecizão de certas medidas, a ideia principal está expressa com perfeita clareza, e os termos da autorisação são em conjunto bastante amplos para se realisal-a sem grandes péas. A conducta dos executores fica á mercê da intelligente e patriotica interpretação que se lhe faça.

A parte da lei de 16 de Agosto, que mais condiz á execução, ao aproveitamento

das medidas militares, resulta do prescripto nos ns. V e X e das disposições do numero XI.

De facto, "adquirir o material necessario ao custeio dos serviços do Exercito, reparar o material de guerra existente, adquirir material novo, augmentar e completar as obras de defesa dos portos e costas", encerra quanto se possa querer em recursos da especie para apparelhar a defeza.

Em verdade, "regulamentar, conforme as circumstancias o exigirem, a administração militar, dando conta ao Congresso das medidas que empregar", corresponde a determinar a organisação e execução de um plano systematico de reformas, com doutrina e programmas definidos, no intuito de conseguir a preparação tão almejada do exercito.

A amplitude do poder conferido, que na restrictiva de dar conta das medidas empregadas, parece recordar e distinguir o limite de responsabilidades,—deixa folgada margem á iniciativa official, á accão util, benefica, que possa exercer quanto á ordem, economia e preparo da força militar.

Na execução de qualquer lei, cumpre ter presente o pensamento do legislador e o objectivo que ella visa. No caso, valioso subsidio elucidativo se encontra nos pareceres das commissões que estudavam o projecto, nas informações officiaes que lhes foram prestadas, nos debates em torno do assumpto.

O cumprimento das prescripções autorisadas dependeria dos fundos a empregar. Este importante embaraço previu e removeu com sabedoria a lei, mandando «abrir os creditos necessarios á execução das medidas consignadas e de outras providencias de ordem militar para o seu cumprimento», autorizando ainda as precisas operaçoes de credito. Não se demarca prazos, não se restringe creditos e operaçoes, antes se os deixa á medida das necessidades, á feição da oportunidade.

Accentuamos, em começo, que as despesas com o estabelecimento da defesa

militar são de duas cathegorias: umas extraordinarias, á conta dos meios consignados no n. XI, que podem e devem ser distribuidas por annos successivos, evitando ao erario publico immediato e duro sacrificio; outras adstrictas á manutenção, funcionamento e prepero dos elementos activos, com caracter ordinario, e que, como permanentes, passam a fazer parte dos quadros orçamentarios annuaes, da despeza publica,

O bom resultado dos esforços que vamos despender em articular a engrenagem desmantelada do nosso apparelho de defesa, para que trabalhe perfeitamente, só é admissivel no presupposto da existencia real de todas as suas peças. Se não completarmos o numero de unidades das differentes armas, dando ao exercito o efectivo requerido pela organisação em vigor, se não houver inabalavel proposito de tomarmos por base de qualquer plano, essa medida fundamental, então mais judicioso seria adormecermos aspirações irrealisaveis, velleidades inconsistentes.

O orçamento da despeza militar continuará a consumir, sob a forma de vigorosos tonicos, sommas consideraveis, se não fizermos a drenagem completa do terreno onde definha em cachexia chronica, o organismo que embalde tem clamado por sua salvação. E' humano, mas é perder tempo, o emprego de palliativos; a vida artificial suavisa a agonia, sem evitar o tumulo.

As dotações orçamentarias precisam de corresponder á verdade das despezas. Isso só será conseguido quando forem discriminadas e votadas no parlamento com applicações taxativas, consoante os algarismos insophismaveis dos quadros, as necessidades especificadas de toda a ordem, inherentes á preparação da tropa e ás previsões de seu emprego.

Essa conducta assenta antes de tudo no cumprimento de um dever patriotico, na expressão da lealdade e honestidade com que individuos e corporações devem rotear seus actos para merecerem fé.

Surgirá — pouco importa — o clamor publico ante o vulto extravagante dos gastos, e justa campanha pela sua reducção. Vencendo preconcentos, reprimindo affectividades, desprezando interesses mais ou menos restrictos, seremos então obrigados a cortar fundo demazias e liberalidades onde bem sentimos que existem, mas de que é muito mais commodo desviar os olhos e parecer despercebidos, nos momentos de agir.

Sem prejuizo do apparelhamento da defeza, e da efficiencia do nucleo de forças que tem de apoial-a, talvez nesse dia as despezas baixem ao minimo compativel com as necessidades imprescindiveis dos serviços, conseguindo-se resultados moraes e materiaes acima das melhores esperanças.

Feliz oportunidade, sem exemplo, se depara aos poderes publicos de prestarem culminante beneficio ao paiz, preparandole a garantia da integridade territorial, a defeza de sua soberania. A boa intelligença do texto da lei dá facultade e meios de acção, capazes de um fim pratico.

Iniciativas, trabalhos, regulamentação, que antecipem á realidade dos effectivos *in loco*, á seriedade de orçamentos discriminados, equivalem a illusorios artificios que nada resolvem. Das promessas e experiencias do passado, pouco proveito tem resultado á Nação, que vê com magua as penas possiveis do futuro.

Esta opulenta e maravilhosa terra de certo merece de seus desamorados filhos, mais diligencia em bem servil-a, menos temor á verdade, por dura que seja. Embora custe, termo ás ficções.

Notas sobre a industria do aço.

Nos ultimos dez annos a producção electro-thermica do aço tem tomado grande incremento devido á superior qualidate do producto que se consegue com os fornos electricos.

O calor necessario ás reacções produzidas no interior dos fornos que examinamos anteriormente, sendo fornecido por um combustivel qualquer, solido, liquido ou gazoso, grande parte das impurezas que nestes se encontram, incorpora-se ao

P 460

metal em operação, tornando mais difficulte eliminar as que naturalmente já contem, oriundas do minerio.

Esse inconveniente desapparece nos fornos electricos, porque a alta temperatura necessaria á operação é produzida pela transformação da energia electrica em energia calorifica. Accresce que se obtem facilmente com a corrente electrica temperaturas bastante altas, podendo attingir 3600° C, o que muito auxilia a eliminação do phosphoro e do enxofre, ao passo que as dos fornos communs com difficultade excedem de 1800° C.

Em consequencia dessas altas temperaturas, encontram os fornos electricos inestimavel applicação no fabrico de ligas especiaes de ferro com substancias muito refractarias, como o tantalio, o tungstenio e outras.

Taes fornos são tambem muito empregados na refinação do aço obtido por outros processos. Para isso, depois de completa a operação no conversor Bessemer ou no forno Siemens-Martin, o metal, em estado de fusão, é nelles tratado, reduzindo-se quasi completamente todas as substancias nocivas á sua composição.

O ferro gusa tambem pode ser obtido no forno electrico e com grande vantagem quanto á qualidate do producto, mas com inconveniente notavel quanto ao custo da fabricação, a não ser que na localidade onde se tenha de montar a usina não exista combustivel apropriado á producção ou que, transportando-o para o local, o custo fique superior ao da energia electrica necessaria, produzida por força hydraulica.

Os fornos electricos com applicação á siderurgia podem ser divididos em tres classes:

1º — os que produzem ferro gusa pela reducção do minerio de ferro em presença do carbono;

2º — os que produzem aço, empregando aparas de aço, ferro maleável ou fundido, e minerio de ferro;

3º — os que produzem directamente aço pela reducção do minerio de ferro em presença do carbono.

* *

A transformação do minerio de ferro, em ferro gusa, faz-se no forno electrico, como no forno alto, pela eliminação do oxygenio do oxydo metallico; o metal assim livre, carburisa-se em presença do carbono, perde parte das impurezas provenientes do minerio e funde-se.

No alto forno o consumo de carvão é muito maior do que no forno electrico, pois neste a temperatura precisa para reducção do minerio é fornecida pela corrente electrica que se transforma em energia thermica, sendo o carvão destinado somente a carburisar o ferro e a reduzir uma parte de suas impurezas, enquanto que no forno alto elle tem de, por si só, satisfazer os dois fins.

A operação é conduzida desta forma: — carrega-se o forno electrico com o minerio de ferro, o fundente e o carvão, em quantidades previamen- te calculadas. Pelos electrodos de carvão que atravessam as paredes do forno, faz-se passar a corrente electrica que, para ir de um a outro electrodo, tem de atravessar a carga, aquecendo-a pela resistencia que ahi encontra á sua passagem, até chegar á temperatura em que o oxydo de ferro se reduz, o metal carburisa e vem depositar no fundo do forno em estado de fusão. A ganga do minerio, misturando-se ao fundente, funde-se igualmente e fica depositada sobre o metal.

A variedade de fornos electricos apresentados para producção do gusa é grande; os de maior aceitação, entretanto, são os de Heroult, Keller, Harmet, Haanel-Heroult, Turnbull-Heroult. Esses fornos empregam, em geral, correntes electricas de 30 a 40 volts, variando a amperagem com a capacidade de producção.

Admitte-se que um bom forno electrico deve consumir por tonelada de gusa produzida, 300 a 400 kilos de carvão vegetal e 0,25 H. P. anno, de energia electrica. Os fornos altos exigem, em media, uma tonelada de coke para a mesma producção. A comparação entre o custo da producção da energia electrica e o valor da diferença do carvão gasto, é que pode decidir em cada caso ou situação especial, qual o processo mais economico para a fabricação do gusa.

* *

A producção do aço pelo processo electro-thermico tem se generalizado de modo extraordinario nos ultimos annos, com o emprego vantajoso do forno electrico como refinador, para se conseguir aços especiaes, tratando o metal em fusão recebido directamente dos fornos Siemens-Martin ou dos conversores Bessemer.

Para esse fim os typos de fornos mais usados são os de Heroult, Keller e Girard, em que a corrente electrica passa directamente dos electrodos para a massa do metal em fusão, sendo a energia electrica transformada em thermica pelos arcos voltaicos que se formam entre os electrodos e o metal em fusão, e devido á resistencia que elle apresenta á passagem da corrente.

Em marcha regular e por tonelada de aço produzido, estes fornos consomem a energia electrica de 700 a 860 kilowatts-hora, quando a carga é introduzida fria no forno, e de 200 a 320 kilowatts-hora, quando utilisada quente. A diferença de potencial da corrente regula 110 volts, dependendo a amperagem do peso da carga e do tempo que dura a operação.

Nos fornos electricos dos systemas Kjellin, Colly, Gronwall e Ferranti, a corrente electrica, em vez de atravessar o metal em fusão, passa

por um conductor de cobre isolado .. se enrola com muitas voltas em torno do nucleo de um electro-iman. O metal em fusão é colocado n'uma fórmula circular em fórmula de calha e concentrica com o enrolamento do circuito. A corrente electrica, passando por este circuito que tem muitas voltas, produz — no metal em fusão dentro da cuba e que forma um circuito de uma só volta, — uma corrente secundaria.

Em um forno Ferranti que funciona no Creusot a corrente alternativa primaria, de 3.000 volts e 9 amperes, produz no banho em fusão uma induzida de 7 volts por 3.000 amperes.

Segundo A. Keller, 7.500 kilos de aço commum Martin, collocados no forno electrico, em estado de fusão, convertem-se em aço superior de 0,44 % de carbono e menos de 0,02 % de phosphoro ou enxofre, consumindo 750 kilowatts de energia electrica, durando a operação 3 horas no maximo.

Em França, a despeza para transformar no forno electrico uma tonelada de aço commum Siemens-Martin ou Thomas, fundido, em aço de primeira qualidade, é de 5 francos.

* *

Como já vimos, a reducção do minerio de ferro pode dar ferro maleavel, aço e ferro gusa, conforme a porcentagem de carbono com que o metal sahe do forno.

O ferro gusa, sendo o de mais baixa fusão, é o que na industria moderna se produz mais facilmente nos altos fornos, para depois ser convertido em aço ou em ferro maleavel. No forno alto a reducção do minerio fazendo-se em presença do excesso de carbono, logo que o metal liberta-se do oxygenio absorve o carbono em porcentagem elevada e funde-se no estado de gusa. Neste forno seria difficult obter aço ou ferro maleavel, isto é, o metal com pequena dosagem de carbono, mesmo mantendo-se a temperatura bastante elevada para liquefazer esses productos.

Nos antigos fornos de producção directa do ferro maleavel ou do aço, ao desprender-se o metal do oxygenio, não encontrando excesso de carbono, só absorve esse elemento em quantidade muito pequena, e não podendo fundir-se pela insufficiencia de temperatura, é retirado em estado pastoso, sendo preciso ás vezes demolir o forno.

Se introduzirmos n'um forno certa quantidade de minerio de ferro, e elevarmos bastante a temperatura em presença de uma quantidade de carbono pouco acima da sufficiente para reduzir o oxydo metallico, obteremos ferro maleavel ou aço em estado de fusão, conforme a quantidade de carbono que sobrar da reducção do oxydo de ferro e que se incorporar ao metal. No forno electrico de Stassano conseguem-se esse resultado.

A temperatura, neste tipo de forno, é sobre

modo alta, por ser produzida pelo arco voltaico, e a carga é calculada com toda a precisão, de maneira que ao metal só se incorpora a dosagem de carbono que se deseja. Adiciona-se também o fundente em quantidade exacta para formar com a ganga do minério uma escoria fusível. Como a temperatura do arco voltaico é muito elevada, obtém-se sempre em estado de fusão não só o aço com qualquer teor de carbono, como ainda o ferro quasi puro e as ligas de aço com os metais muito refractários.

Esse forno é constituído por uma armação de ferro revestida interiormente de tijolos refractários, com um segundo revestimento. Cobre-o uma cúpula igualmente revestida. Por duas de suas paredes oppostas entram os electrodos de carvão, ajustados com o auxilio de cremalheiras á distancia precisa para manterem o arco voltaico.

A carga de minério, carvão e fundente, uma vez depositada no interior do forno, ajustam-se os electrodos e faz-se passar a corrente. A alta temperatura do arco actua directamente sobre a carga, que é reduzida, sendo o metal com as escorias em estado de fusão retirado do forno por aberturas especiaes. Os gazes produzidos durante a operação escapam-se pela chaminé existente na abobada do forno.

Como acabamos de mostrar, o forno electrico presta-se a todas as produções siderúrgicas. Com elle podemos reduzir o minério a ferro gusa, aço e ferro maleável; transformar a fonte em aço ou em ferro maleável, utilizando como reductor, minério ou ferro maleável e aço; produzir aços especiaes com ligas de metais refractários; refinar aços feitos em outros fornos, eliminando as substâncias estranhas em tão alto grau, que seria extremamente difícil conseguir o mesmo resultado em outro forno qualquer; por ultimo ainda se emprega como apparelho de segunda fusão. *O seu uso, porém, dependendo do custo da produção da energia electrica, só em casos especiaes poderá ser economicamente justificado, pois, bem raramente o custo dessa produção competirá com o baixo preço do carvão mineral.*

Estas succintas noções sobre o tratamento do aço nos fornos electricos completam as que queríamos fixar com relação aos modernos processos de fabricação deste metal, antes de examinar o seu emprego nos canhões e munições de guerra.

Acompanhando a evolução da humanidade desde os tempos prehistóricos, vê-se que as condições da luta pela vida radicalmente se modificaram na edade do ferro. A época do bronze marca a transição do homem bruto da edade de pedra, para o homem já consciente do seu valor e poder.

Após milenários de lutas improfícuas contra a

natureza e longos períodos de sujeição ás forças e elementos externos que inclemtes o subjugavam, por inspiração da intelligencia latente conseguiu elle arrancar do seio da terra seu melhor aliado e conquistar o mundo, cortando mares, atravessando continentes, perscrutando o infinito na aancia insoffrida de tudo desvendar.

No ramo especial de que nos vamos ocupar, o homem primitivo apenas dominando com o machado de pedra a extensão alcançada pelo braço, transforma-se no artilheiro de nossos dias que a milhares de metros aniquila o inimigo, arrasalhe as trincheiras e abrigos, atirando toneladas de aço com a impetuosidade de um cataclysma. Sigamos rapidamente o evoluir, o progresso desses meios de destruição.

Nas guerras primitivas as armas eram individuaes, cada soldado trazendo consigo a arma offensiva e o escudo de defesa. Os primeiros vestígios de armas pesadas de sitio ou de posição, isto é, para serem operadas por mais de um homem, foram encontrados em escavações na Assyria. Depois em Syracusa, 399 A. C., segundo consta de tradição historica, fizeram parte dos preparativos organisados por Dionysio I para a expedição contra Carthago. D'ahi parece que passaram á Grecia, pois Phelipe da Macedonia as empregou em 340 A. C., no cerco de Bysancio. Esses instrumentos de combate denominavam-se *balistas, catapultas, onagros, manganellas, trabucos*, etc.

A força propulsora era dada pela elasticidade de flexão da madeira e de torção de cordas de couro ou de crina, e mesmo de cabellos humanos, a ser verídico que as carthaginesas em 146 A. C., inflamadas de patriotismo, se despojassem do natural adorno para transformar as longas tranças em matéria prima com que eram fabricadas essas cordas.

Os projectis lançados por semelhantes máquinas de guerra consistiam em pedras, setas, dardos ferrados (garrochas), traves de madeira, barcas cheias de combustíveis em ignição, etc.

Era essa a artilharia da época, que ainda perdurou por muitos séculos, até o aparecimento dos primeiros canhões com a vulgarização da pólvora. A tradição mais antiga do emprego desta arma de fogo em campanha alcança o cerco de Cividale (Italia), em 1331, pelos aldeões.

A generalização de seu uso foi, contudo, extremamente retardada; havia partidários convictos da superioridade das máquinas antigas, já pela facilidade da construção em qualquer lugar onde se fizessem precisas, já porque os primeiros canhões que apareciam eram enormemente pesados e atiravam os mesmos projectis, pedras, madeiras, etc., o que os tornava pouco mais efficazes, apesar da ex-

traordinaria diferença, para maior, da força propulsora.

Os canhões eram feitos de barras de ferro forjado, ligadas como aduelas de barris, por cintos reforçados do mesmo metal. As dimensões variavam de quatro a cinco metros de comprimento, alguns com mais de 0,60 de diâmetro na alma e 0,25 na câmara, pesando quasi vinte toneladas e lançando projectis de pedra de mais de 300 kilos. Essas dimensões foram mais tarde reduzidas, quando principiaram a empregar balas esféricas de ferro fundido, o que muito facilitou o manejo, e conseguintemente a divulgação do invento. Embora todos os canhões fossem de ferro forjado, alguns havia de carregar pela culatra.

Só depois de 1500 começaram a aparecer canhões fundidos de bronze, e logo a seguir de ferro. As pesadas bombardas foram sendo igualmente abandonadas e substituídas pelas novas máquinas — canhões, meio-canhões, caronadas, colebrinas, sagres, serpentinas, falconetes — precursores do canhão moderno.

A polvora, cujos ingredientes, salitre, carvão e enxofre, eram a princípio transportados separadamente em pó, para misturar na occasião de carregar o canhão, passou depois a ser granulada, prismática e quasi completamente transformada hoje para os usos da guerra, servindo apenas de carga explosiva nos shrapnells. Em todos os outros casos cedem lugar aos explosivos modernos: — nitro-cellulose, nitro-glycerina, dynamite, chloratos, fulminatos, pícratos, oxygenio líquido, etc.

Os projectis, ligados intimamente ás modificações introduzidas nos canhões, evoluíram também. Das pedras das bombardas já com revestimento de chumbo e que entravam forçadas na alma dos canhões, passaram pouco depois para as balas esféricas de ferro fundido. Dava-se então o facto de haver grande escapamento de gases entre o projectil e as paredes da alma do canhão, na occasião do tiro, que além de pouco preciso era de alcance muito limitado.

Os canhões, que até ali saíam da fundição com a alma vasada, passaram a ser fundidos massicos, posteriormente brocados e raiados em tornos mechanicos.

Não tardou que, para os projectis, a forma esférica fosse abandonada e preferida a oblonga.

Para dar rotação ao projectil, usavam tarugos de metal embutidos na parte cylindrica, e que se ajustando ás raias do canhão e seguindo-as em toda a extensão da alma, davam o movimento necessário á estabilidade do eixo. O sistema tinha o grave inconveniente de deixar escapar muitos gases e corroer as raias, sendo por isso substituído pelo de um disco de cobre colocado na base do projectil, o qual devido á pressão dos

gazes se espandia, ajustando-se ás depressões das raias, — ou ainda pelo de uma camisa de chumbo (sistema Armstrong) envolvendo-lhe toda a parte cylindrica, o que da mesma forma produzia a rotação inicial.

Os dois processos, em consequencia do ajustamento perfeito do projectil á alma da peça, tinham a vantagem de vedar a passagem dos gases e aproveitar melhor sua força expansiva; na artilharia actual emprega-se com mais resultado a camisa de cobre, obtendo-se muito maior velocidade inicial.

A ductibilidade do chumbo impedia o forçamento perfeito do projectil, mas com o cobre, muito mais resistente, a camisa justapõe-se ao projectil, por força hidráulica, em ranhuras feitas na parte cylindrica, ficando assim com o diâmetro um pouco maior que o calibre da peça; por occasião do tiro saíde mais forçado, o que permite a combustão completa de carga progressiva muito maior, e portanto grande aumento na pressão dos gases, maior velocidade inicial e extraordinario alcance.

Entre as antigas bombardas feitas de aduelas de ferro forjado, muitas havia de carregar pela culatra. O sistema de construção facilitava esse dispositivo, e os gases perdidos pela insuficiencia da obturação pouco influiam no já insignificante alcance dos projectis. Mais tarde, no periodo em que dominavam as peças de ferro ou de aço, procurou-se adoptar a mesma disposição, sempre sem resultado pratico, só conseguindo depois do aperfeiçoamento da fabricação do aço. O tratamento do metal e os processos mechanicos da época estavam muito atrasados para se poder resolver a delicada questão. Com a consagração definitiva do emprego do aço no fabrico dos canhões, após muitas alternativas e desillusões, trouxe-se enfim a solução prática desse importante problema.

Em 1854, Armstrong apresentou o primeiro canhão retrocarga com resultados apreciaveis, fabricando por isso um grande numero para o exercito e a marinha do seu paiz, que já os empregaram em 1860 na campanha da China onde prestaram excellentes serviços.

O sistema antecarga foi completamente abolido, e todas as armas de fogo modernas são retrocarga. O carregamento n'aquelle caso era feito, em começo, introduzindo-se a polvora a granel com o auxilio da *cucharra*, especie de pá cylindrica presa á extremidade de uma haste. Em uma ou duas porções levava-se a carga ao fundo da alma e introduzia-se depois o projectil, empurrando-o com o soquete até encostar na polvora. Enchia-se o ouvido da peça com polvarinho, e por meio de um morrão dava-se fogo.



O processo foi usado muitos annos, embora com os perigos inherentes, sobretudo á noite. Para obvia-lo, veio depois o emprego dos saccos ou cartuchos de papel, algodão, seda ou qualquer outra substancia preparada de maneira a não deixar fagulhas no interior, que podessem provocar a explosão da nova carga nos tiros successivos. Ao mesmo tempo apareceram as espoletas de fulminato, de fricção e de percussão.

Presentemente a artilharia de pequeno calibre e sobretudo a de tiro rapido, só emprega cartuchos metallicos, onde o explosivo está contido n'um envolucro de latão prezo ao projectil. Na base vae incorporada a espoleta detonante, fazendo-se assim o carregamento completo da peça em uma unica operação, com o que se consegue mais rapidez no tiro.

O manejo das primitivas bombardas era em extremo difícil: — assentadas no solo e firmadas com calços de madeira, a culatra apoiada n'uma forte estaca solidamente fincada no terreno para impedir o recuo, tinha-se a peça prompta para funcionar. Uma vez assestada raramente era movida, mesmo para mudar a pontaria: a zona perigosa só se ampliava pela imprecisão do tiro.

Com os melhoramentos progressivos introduzidos na construcção dos canhões, a installação commun foi sendo modificada pouco a pouco. Construiram-se estrados para facilidade dos movimentos, o que já permittio variar o angulo de tiro e mudar a sua direcção.

Vem depois a artilharia de campanha com os canhões montados em carretas que acompanham os exercitos, a artilharia de sitio, de costa ou posição e de marinha, todas com as peças montadas em reparos feitos de madeira e reforçados com accessórios de metal. Na actualidade esses reparos são constituídos de chapas de aço com dispositivos mais ou menos complicados, tendentes a facilitar o manejo e dar a maxima rapidez ao tiro.

* *

Em contraposição aos progressos extraordinarios realisados sem descanso nos meios de ataque, tornando-os cada vez mais poderosos e efficazes, procurava-se por outro lado crear elementos de defesa que lhes fizesse face.

A artilharia antiga, atirando projectis de pedra e a seguir balas esphericas de ferro fundido, é claro que bem pequeno esforço distructivo produzia nas obras de defesa feitas de alvenaria de tijolo ou mesmo de pedra. O advento dos canhões raiados com projectis oblongos, annullou inteiramente o valor dessas construcções: a certeza de alguns tiros desmonta-as por completo.

No mar os navios de madeira, que com prejuizos de pouca monta enfrentavam a artilharia dos fortes, desapareceram de todo. Os combates

navaes iam ser decididos sob a protecção das couraças, a principio construidas de simples chapas de ferro doce, cuja espessura e resistencia augmentava aos poucos, em franca lucta com o poder offensiva dos projectis.

Os vasos de guerra e as fortalezas foram sendo revestidos de chapas de aço, sob a denominación de encouraçados e torres blindadas,

Em 1867, na exposição de Paris, foi apresentada uma chapa de blindagem de 0,22 de espessura que se suppunha ter alcançado o limite do peso supportavel por um navio, sem comprometer as condições de fluctuação. A partir desse tempo, e contra as previsões, a espessura das chapas tem progressivamente crescido, sem prejuizo das qualidades nauticas dos mais possantes vasos de guerra.

Em quanto a lucta se manteve apenas no terreno de aço contra aço, a victoria conservou-se indicisa: para couraça mais resistente, creava-se o projectil que a devia perfurar, e os effeitos destruidores deste eram logo depois contrabalançados pela fabricação de uma nova couraça. A primazia era passageira, quando no decurso dessa rivalidade, que já parecia interminável, eis que surge o torpedo aereo e o submarino, carregado com os potentes explosivos de nossos dias, colhendo a palma da victoria, conferida pelos resultados da guerra actual.

O magnifico sucesso alcançado com o emprego do aço na fabricação das armas de guerra, não foi obtido de um só golpe. Ainda que utilizado ha muitos seculos na confecção das armas brancas, não se pode precisar a epocha das primeiras applicações; suppõe-se, contudo, que 2000 annos A. C. o bronze substituiu o emprego do cobre, e que 1000 a 1300 annos depois vulgarisou-se o do ferro e naturalmente tambem o do aço, pois este era obtido pelo mesmo processo directo na forja primitiva, com diferença minima na operação, ou com a escolha de minério apropriado.

O aço do oriente das laminas de Damasco, afamadas até os nossos dias, precedeu o metal de que os Barbaros fabricaram os *ensis* com que durante o periodo da invasão venceram os *gladius* dos Romanos. As laminas de Ferrarra e as de Toledo attestam tambem, em epochas menos remotas, o uso do bom aço nas armas de guerra.

A facilidade de producção directa do metal em pequenas porções, permitia obtê-lo de superior qualidade; trabalhado, porem, em massas volumosas só muito mais tarde foi possível produzil-o nas mesmas condições.

(Continua)

* * Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emitirem em seus artigos.

NA SEÁRA ALHEIA

PARA REBATER UM GOLPE

O meu distinto camarada 1º tenente Maciel da Costa atirou-me uma *bomba*, de surpresa, no ultimo numero da *Defesa Nacional*. Não posso resistir ao impeto de revelar o *ataque*. Embora não me sinta *ferido* (os estilhaços passaram longe), colheu-me ligeiro espanto; experimentei uma especie de abalo, sem duvida oriundo da rapida mudança na pressão do ambiente, e é justamente esse efecto de *sôpro* que me arrasta de novo a estas columnas. Não lhe quero mal por isso; julgo-me feliz pela oportunidade que me depara de dizer duas palavras com relação a um problema de certa importancia prática. Perdoe-me o operoso companheiro a minha impertinença, e não me julgue um *rancinha*. Os moços devem ser tolerantes com os velhos, sobretudo quando estes dão exemplo de fé na profissão, e de delicadeza nas polemicas escriptas. Por outro lado nós outros velhos devemos orgulhar-nos do prepraro, da competencia e da intrepidez dos camaradas mais jovens, porque afinal toda a gloria delles reflecte sobre nós, e deixanos ir ao tumulo envolvidos numa aureola resplandecente de progresso e felicidade. Elles são as flores e os fructos de uma arvore copada, em que muitos figuramos como galhos mais ou menos carcomidos.

Ouvi de uma feita em Buenos Aires um bello discurso do general von der Goltz sobre o papel dos velhos nos exercitos, e desde então me convenci de que elles não são de todo uma inutilidade ao lado da legião numerosa e promissora de almas mais jovens. Von der Goltz fazia o elogio da mocidade, mas ponderava que a velhice é sempre fecunda como exemplo e até como advertencia. Tem mais experienca da vida, já se emancipou de certas illusões e se encontra, por conseguinte, em condições favoraveis para avisar aos mais moços que se precatem contra certos erros ou idéas irreflectidas. Se de mais disso a vida de um velho foi sempre digna, orientada exclusivamente pelo cumprimento do dever, sem baixezas, nem desfalecimentos, elle ha de por força exercer uma influencia salutar nas almas dos que o cercarem, e prolongar, atravez delles, a sua acção sobre a classe a que tudo deve, e a que talvez

não tenha logrado prodigalizar todos os beneficios que ambicionava. (1)

Por tudo isso, e ainda por outros motivos, seja indulgente o meu digno companheiro. Assentemo-nos *sobre a pedra branca*, como diria Anatole France, e *conversemos*.

* *

Quando me veio ás mãos o novo regulamento de exercicos para a infantaria, li-o com sofreruidão e exultei pela oportunidade da medida. Já tardava, disse de mim para mim, acompanhamos o progresso dos exercitos europeus nesse particular, e emanciparmo-nos do erro injustificavel de copiar regulamentos através de publicações intermediarias, ao envés de recorrer directamente ás fontes originaes. O modelo alemão se me afigurava explendido, e não alteraria o meu juizo, se, em lugar delle, houvessem escolhido o francês, pois no fundo os dois se equivalem, como é facil verificar cotejando-os paralelamente. Mas senti que lhe não houvessem feito ligeiras modificações de *forma*, que melhor o adaptariam ás nossas necessidades. Expondo essas idéas, costumava dizer, syntheticamente e entre outras cousas, que faltava em o novo regulamento a Escola de Pelotão. Eu explico esse meu pensamento:

Em todos os exercitos (inclusivé em o nosso) começa-se a instrucção pelo homem considerado isoladamente, quer dizer a instrucção visa em primeiro logar preparal-o individualmente para as funcções militares. D'ahi a *Escola do Soldado*. Depois, quando já se acha habilitado a operar por si só, ou quando, pelo menos, já tem progredido muito neste sentido, passa-se á escola de conjunto, isto é, associam-se os homens para formar grupos mais ou menos numerosos, em ordem unida, e dá-se-lhes o ensino necessario para que evoluam e combatam (unidos e depois separados), solidarios uns com os outros. E' a *Escola de Pelotão*. Não é possivel fazer marchar e combater a um grupo de individuos, se cada um, tomado isoladamente,

(1) Em seu sugestivo e sincero livro sobre a guerra actual (*L'armée de la Guerre*), diz o capitão Z:

"L'union des vieux et des jeunes n'est pas inutile au combat: l'un apporte l'élan et l'autre la sagesse..."

Recommendo ao leitor essa obra, que é um entusiastico pregão de louvor á infantaria, por quem a estas horas vive e peleja no meio della.

não aprendeu, de antemão, o que deve executar por si mesmo. A Escola de Pelotão succede, portanto, á do Soldado, e seria absurdo imaginar o inverso. Quando aquella Escola chega a termo, reunem-se os pelotões para formar a *Companhia*. Toda a instrucção desta unidade quasi que decorre sem a intervenção directa das praças; os pelotões effectuam os movimentos necessarios sob o commando dos officiaes, que se constituem em intermediarios entre o capitão e as mesmas praças. Sem duvida são estas sujeitas a um novo treinamento, mas de facto pouco veem aprender na Escola de Companhia de fundamentalmente novo para elles. Podem ignorar todas as evoluções; bastar-lhes-ha estarem attentas ao commandante de pelotão e obedecerem ás suas ordens. Essa marcha da instrucção é a de quasi todo o mundo. Por isso a Escola de Companhia restringe-se nos regulamentos a uma parte diminuta; indica as formações e aponta algumas regras sobre dobramento e desdobramento. Para realizar qualquer evolução, deve o capitão dar as indicações geraes; cada pelotão irá ao lugar que lhe competir, *guiado pelo seu respectivo commandante*. Nesses regulamentos ha regras mais ou menos equivalentes a esta dos franceses:

"Art. 239. — *A companhia passa de uma formação a outra ao commando do capitão. Ouvido o commando preparatorio, os chefes de secção (pelotão) indicam com um gesto a direcção que a secção deve seguir, e fazem, quando preciso, os commandos preparatorios. Executa-se o movimento á voz de marcha ou alto, do capitão.*" (2)

Em resumo:

a) A Escola de Pelotão precede em toda a parte á da Companhia, e as regras desta formam um capítulo resumido nos diversos regulamentos.

b) Os pelotões associam-se para constituir a Companhia, e esta evolue de modo que cada pelotão é conduzido á posição adequada, mediante gestos e vozes do seu respectivo commandante.

Mas — e aqui é que bate o ponto — o exercito allemão abre uma excepção original a parte dessas regras. Em primeiro lugar salta, *no regulamento*, da Escola do Soldado para a da Companhia (digo *no regulamento*, porque de facto procede na prática com os outros, isto é, começa na

escola individual, passa a do pelotão e só depois vai á Companhia), e nesta escola institue regras que manda depois applicar ao pelotão. Legisla, por conseguinte, *para trás*.

Como se vê, estamos em face de uma discordancia apenas de forma. Ao contrario do que muitos suppõem, o regulamento nada economisou com essa medida, visto como tanto faz escrever uma escola de Pelotão isolada, e ser depois curto na Companhia, como nada mencionar sobre o pelotão e encaixar depois na companhia tudo quanto lhe disser respeito.

O allemão, porem — *chamo para o facto a attenção do leitor* — não se deteve ahi, foi mais longe, e considerou toda a companhia como um bloco, uma especie de pelotão grande, e determinou que o capitão a commandasse nas evoluções, como se fosse de facto um pelotão, isto é, dirigindo-se, pode-se dizer, aos soldados. D'ahi duas consequencias fataes:

a) Os soldados devem aprender as evoluções de companhia, o que lhes era dispensavel pelo methodo geral; só assim cada um fará o que lhe competir, sem hesitação ou intervenção de terceiros.

b) Os officiaes são manequins silenciosos, que a tropa arrasta consigo, quando deveria ao contrario ser guiada por elles.

Como seria difficil, senão impossivel, proceder de modo identico numa companhia desenvolvida, estatue o regulamento germanico que nesse caso os officiaes commandem de verdade seus pelotões.

Tal é o systema da Alemanha, opposto ao de todos os outros e ao que nós sempre seguimos. Se era intuito do governo adoptal-o na integra, *cumpria tel-o dito com maxima clareza*, pois era novo e convinha evitar duvidas no espirito dos officiaes. E, como não fez isso, chegamos a este resultado: *não ha regia fixa ou antes ninguem se entende*. Opinam uns que os pelotões devem obedecer á voz do commandante de companhia; permittem outros que os cabos *soprem* os movimentos necessarios, e assim por deante.

Em meu humilde conceito devemos atalhar o mal quanto antes, destacando no regulamento a Escola de Pelotão, isto é, pondo-o de acordo com a realidade. Caso, todavia, não queiram fazel-o, urge, pelo menos assentar de uma vez a attitude dos commandantes de pelotão. Se aceitam o methodo germanico, digam-no com fran-

(2) Règlement de manœuvre d'infanterie — 1914
pg. 67.

queza, sem subterfugios. Se, porem, acham natural não suprimir o concurso dos officiaes num periodo transitorio, quando reconhecem que elles estão habilitados para cousas de maior importancia, e se reputam desnecessario complicar mais a instrucção do soldado, então *interpolem no regulamento uma disposição clara como a dos franceses*. Fóra d'ahi é perseverar conscientemente no *methodo confuso*.

Alegam alguns que os commandos dos officiaes fazem-se por meio de gritos desordenados e occasionam demora nos movimentos. A objecção é especiosa; reflectindo vê-se que tudo se resume numa questão de educação. Em meu regimento recommendava aos officiaes que só dessem as vozes necessarias e sempre discretamente.

* * *

Talvez o leitor supponha que os conceitos expendidos são meras interpretações de meu espirito. Releva, pois, demonstrar-lhe que público a realidade, porque assim a sentem officiaes de incontestável merecimento.

Uma das maiores notabilidades no assunto é o coronel Feyler, cujos artigos sobre a guerra européa não encontram rival em parte alguma. Em seu livro intitulado *Le règlement d'exercice pour l'infanterie suisse*, propõe-se elle a explicar o regulamento da infantaria de seu paiz, pondo-o em confronto pormenorizado com os das principaes nações.

Extraio do livro, sem commentarios, alguns conceitos:

"O regulamento suíço dá grande importância á secção (3). Ella é por um lado a unica formação que, de facto e no ponto de vista da instrucção, depende a certos respeitos da instrucção de escola; e gosa por outro de muita independencia. E', entre outras e com ligeiras reservas, a unidade de fogo.

Verificam-se diferenças entre os regulamentos no modo como elles tratam a instrucção da secção. O da Alemanha comprehende na sua contextura geral duas partes: A *Escola* e o *Combate*. O primeiro capitulo da *Escola* é consagrado á companhia (o 2º ao batalhão; o 3º ao regimento e á brigada), e divide-se em dois titulos: *Ordem unida* e *Ordem dispersa*. O primeiro subdivide-se em dois titulos: *Instrucção in-*

dividual e *Companhia*, enquanto o segundo trata successivamente da *instrucção individual do atirador, da fila e do grupo, da secção, e da companhia*.

Esta explicação tornava- e necessaria para que se comprehendesse como o regulamento germanico encara a secção, e em que elle se distingue, nesse particular, de todos os outros, inclusivé o suíço. Supprimindo na *Ordem unida* um capitulo especial sobre a instrucção da secção, mostra que não vê nella uma unidade separada da companhia, a qual forma um bloco. Nada existe fóra da referida companhia; não ha formações e evoluções abaixo das que lhe dizem respeito. Os exercícios a que pode entregar-se a secção são previstos, embora não ennumerados, só pelas necessidades do methodo analítico. Fazem-se exercícios de secção como os de fileira, fila e grupo, e applicam-se nelles as regras da companhia. (R. A. 80.) E' o inverso do que estabelece o regulamento suíço, para o qual os movimentos de companhia operam-se de conformidade com as prescripções dadas para a secção. (R. S. 167.)

Toda a diferença entre os dois assenta nestes dois textos. Escreve o suíço: "A companhia divide-se em quatro secções" (168). E o alemão: "A companhia divide-se em grupos de quatro filas." (R. A. 83.)

A consequencia dessas duas concepções é que, na Suissa, as evoluções da companhia praticam-se por secção, ao passo que na Alemanha o chefe da companhia dirige-se directamente a seus homens; os commandantes de secção são seus auxiliares, mas, não necessariamente seus intermediarios.

O regulamento suíço dá mais importância aos chefes de secção; elles são os intermediarios obrigados do capitão, que não poderia fazer manobrar sua tropa sem as evoluções commandadas por aquelles chefes. Propriamente falando, as evoluções da secção são as unicas que o sobredito regulamento mostra conhecer.

Em nosso conceito elle é superior ao alemão neste particular; desenvolve mais o espirito de iniciativa do tenente. Com isso lucrarão directamente as operaçoes no campo de batalha, visto como o funcionamento da companhia nesse campo obrigará a entregar as redeas do governo aos commandantes de secção. O proprio regulamento germanico reconhece-o, por isso

que faz desses commandantes senhores quasi soberanos da conducta do fogo. Ha, por conseguinte, vantagem em preparal-os para o exercicio dessa soberania, acostumando-os, no que concerne sua secção, a usar de toda a independencia compativel com a manobra da companhia.

De todos os regulamentos que nos servem de ponto de comparação, só o japonês considera tão estreitamente o papel da secção, ainda assim concede-lhe individualidade mais accentuada. Limita, é certo, o objectivo da respectiva escola ao preparamento dos recrutas para a manobra da companhia; (R. I. 57.) leva, porem, assás longe o programma e separa-o nitidamente do da companhia." (pg. 53 e 54.)

Adeante diz ainda o coronel Feyler, tanto desta ultima:

"A companhia do regulamento suíso é, por assim dizer, a menor unidade tactica composta. Cumpre entender a expressão como significando que ella não forma um bloco como a do regulamento alemão. Divide-se em quatro secções e o regulamento poderia ter declarado que se compõe de quatro destas sub-unidades.

Tudo isso importa dizer que o chefe de secção pertence á categoria dos officiaes que *mandam*. Elle não é mais, como o foi largo tempo, um official subalterno. A organisação militar coloca-o numa categoria especial, entre esse official e o superior. Sua unidade é demasiado pequena para justificar um commando superior, mas os processos de direcção já são os deste commando.

Procurar-se-ia debalde no regulamento um commando directo do capitão á tropa. O capitão profere ordens; dirige-se menos aos soldados que aos chefes de secção.

Será, todavia, vantajoso, que os homens conheçam as formações e os movimentos habituais correspondentes a essas ordens; obedecerão mais facilmente aos signaes do chefe de secção, sem que com isso se diminua o carácter, que este chefe reveste, de escalão intermediario do commando." (pg. 104).

Poderia ficar aqui, mas, como desejo dissipar as ultimas duvidas, convém citar os propios alemães:

Balck — (ex-professor da Academia de Guerra de Berlim) — escreve o seguinte: (4)

"Na Austria, França e Italia os pelo-

tões são considerados unidades integraes, ou fechadas, tanto quanto o permitte sua força numerica; collocados ao lado uns dos outros, formam a companhia em linha. Na Alemanha e na Russia a companhia é dividida de cada vez em pelotões de igual força. Assentou-se nos tres primeiros exercitos o principio de que, uma vez posto na companhia, o homem nada mais precisa apprender que seja novidade para elle. Todos os movimentos fazem-se a voz ou ao signal do chefe do pelotão, após o commando de advertencia do commandante da companhia. Dest'arte demora-se a execução, que assume um caracter pesado; por outro lado parecem desnecessarios multiplos commandos em movimentos simples e repetidos, notadamente com os fracos effectivos do tempo de paz." (pg. 55.)

Balck publicou em 1902 um interessante estudo historico sobre a tactica da infanteria francesa, (5), em que se pronunciou deste modo:

"No pelotão encerra-se a instrucção de cada homem. Nesse particular differenciam-se de modo radical os dois regulamentos, o francês e o alemão, pois que em França os movimentos na companhia são feitos a voz ou ao signal do commandante de pelotão." (pag. 32.)

E acrescenta, paginas adeante:

"A característica do novo regulamento francês está em que, dada a ordem do commandante da companhia, os chefes de pelotão enunciam os commandos de execução empregando com absoluta liberdade os meios regulamentares." (pag. 37.)

Não tive meios de verifical-o, mas acredo que o processo é antiquissimo.

Em um interessante estudo do General Arthur Boucher sobre a *Tactica Grega na origem da historia militar* (dada a lume no Tomo XXV da *Revue des Etudes Grecques* — Julho e Outubro de 1912), isto é, sobre a tactica alguns séculos antes de Christo, descrevem-se as formações da companhia (*loche*) e das secções (*énomoties*).

Tratando da tactica lacedemonense, explica Boucher que as secções, compostas de 25 homens, podiam estar formadas com um de frente (uma especie de fila india), com 3 de frente e com 6 de frente. Achando-se dispostas como a nossa actual linha de colunas, podia-se, sem se lhes alterar a posição, variar o numero de homens de cada frente.

(4) Infelizmente só posso a edição da *Tactica de Infantaria* de Balck de 1903.

(5) Die Französische Infanterie-Taktik in ihrer Entwicklung seit dem Kriege 1870-1871.

"Quando, por exemplo—escreve elle—uma companhia está formada por énomoties (*a nossa actual linha de columnas*) e se deseja formar por 3 ou 6, ella faz uma paragogue. Pratica-se esta manobra ao signal do polemarca (*chefe de batalhão*) e ao commando em voz alta (*note bem o leitor*) de cada enomotarca (*commandante de énomotie*) tal como o faria um arauta."

Vê-se que os gregos do tempo de Xenofonte não tinham medo de gritar ás suas tropas.

**

Acredito que o exposto basta para persuadir o meu illustre companheiro de que não me pronunciei levianamente, posto houvesse sido obrigado a manifestar-me de forma demasiado synthetica, quando, casualmente e de corrida, discreteamos sobre a materia.

Apraz-me tambem declarar aqui, que julgo ser a infantaria a arma de nosso exercito que mais tem progredido nos ultimos annos, e que creio ser esse progresso devido em grande parte ao impulso que lhe deram alguns de nossos officiaes que praticaram na Allemanha.

Basta contemplar hoje um infante na Capital da Republica, para reconhecer que já estamos muito longe do velho Pai João, desengonçado e descrente.

Coronel Tasso Fragoso.

FELIX CULPA!

Devo ao illustre Snr. Coronel Tasso Fragoso, a quem desde longa data me acostumei a respeitar com admiração, uma franca e leal explicação.

Tendo praticado e visto praticar o regulamento de exercícios da minha arma, cedo me apercebi da sua excellencia, mas não me foi difficult comprehendere, como certamente aconteceu com todos os meus camaradas, que muitos dos seus artigos precisavam ser refundidos, por destoarem profundamente, sem razão plausivel, do regulamento original. Começou d'ahi o meu empenho em vel-o restaurado na sua primitiva pureza.

Persistindo na minha idea de ver o regulamento conforme com o original (salvo ligeiras modificações), acabei soffrendo uma derrota e, humilhado, batia em retirada, quando deparei com o Sr. Coronel Tasso Fragoso sentado, não sobre a pedra branca de Anatole France, mas na palhinha vulgar de uma cadeira do Estado Maior. Era um amigo ou um inimigo? Logo ao primeiro gesto percebi que não era um amigo e, com um desalento maior, ia prosseguir na minha retirada, quando adverti que me poderia ser util o risco de um recontro: talvez assim attrahisse em meu socorro outras forças amigas que andassem por perto e conseguisse ainda ganhar a batalha. Tratava-se

era de discutir o regulamento, para tornar patentes as suas incoherencias e eliminá-las ou fixar outro modelo.

Foi então, num lance que reputo heroico, que escrevi o meu artigo do numero de Julho desta revista e nelle inclui um topico sobre a escola de pelotão.

Como eu esperava, o resultado foi immediato: eis que a cavallaria inimiga contra mim arremete com ordem e impeto, numa carga magnifica, executada com a impeccavel correccão propria de uma parada.

E não só a cavallaria; alongando o olhar por montes e valles eu vejo avançarem contra mim as infantarias de todos os exercitos. Até pelas ingremes encostas da bucolica Suissa vêm descendo companhias em som de guerra. Que digo eu? Até a Grecia heroica e classica, num esforço galvanico, reune contra mim os 10.000 de Xenofonte!

A missão que a mim mesmo me impuz está terminada com exito: um dos mais illustres chefes do nosso Exercito saiu a campo para discutir o regulamento nos seus minimos detalhes, outros vão com certeza seguir o seu exemplo e eu bem podia recolher á obscuridade donde usei sahir, entregando-me prisioneiro diante de tantos e tão illustres inimigos.

Bem podia, mas não sei que funesta tentação me retém. E' talvez a influencia de Xenofonte. A evocação do famoso ateniense, eu me achei com elle à margem do Zabatus, na calada da noite, em conciliabulo com os officiaes gregos sob o manto estrellado do ceu da Assyria, perto do acampamento onde tudo era consternação e lucto. Com elle de novo meachei no dia seguinte, ao romper d'alva, diante do exercito reunido e ouvi as suas palavras memoraveis: «Camaradas! mais vale morrer gloriosamente do que cahir nas mãos do inimigo».

Eu tambem parece que dormi sur la pierre blanche, au milieu du peuple des songes, puisque j'ai fait un si long rêve durant une nuit si courte...

**

A questão da escola de pelotão está perfeitamente esclarecida pelo proprio Snr. Coronel Tasso Fragoso: ella existe tal como a considerei. Apenas, o Snr. Coronel Tasso Fragoso explica melhor o seu pensamento e critica o regulamento por ter «considerado toda a cōpanhia como um bloco, uma especie de pelotão grande, que o capitão commanda nas evoluções como se fosse de facto um pelotão, isto é, dirigindo-se aos soldados.» D'ahi, em sua valiosa opinião, duas consequências fataes, que convem examinar detidamente.

Antes, porém, julgo necessario rectificar um ligeiro engano do Snr. Coronel Tasso, quando accusa o governo de não ter dito com a maxima clareza como queria que procedessem os subalternos nas evoluções da companhia. A disposição clara, cuja interpolação o Snr. Coronel Tasso reclama, está confiada no art. 142, que perfeitamente exprime o pensamento do governo: «142. Compete aos commandantes de pelotão dar as vozes necessarias e guiar suas unidades para execução das evoluções ordenadas pelo commandante da companhia».

Essa disposição, que não existe no regulamento original, é perfeitamente desnecessaria, em minha humilde opinião.

Vejamos as consequencias fataes. A primeira é inevitável, de qualquer forma. São tão simples

as evoluções da companhia, que os soldados logo as aprendem, guiados ou não. Ao revez de inconveniência, o que ha é uma vantagem apreciavel. Certos de que não serão conduzidos como titeres, puxados pelos cordeis das vozes dos subalternos, os soldados não dormem em forma, estão, ao contrario, espertos e attentos aos commandos do capitão, dedicados de corpo e alma ao exercicio.

O Coronel Feyler escreve a meu favor: «Será, todavia, vantajoso que os homens conheçam as formações e os movimentos habituais correspondentes a essas ordens (do capitão); obedecerão mais facilmente aos signaes do chefe de secção, etc.» E diz Balck: «Todos os movimentos fazem-se á voz ou ao signal do chefe do pelotão Dst'arte demora-se a execução, que assume um caracter pesado; por outro lado parecem desnecessarios multiplos commandos em movimentos simples e repetidos, notadamente com os fracos effectivos do tempo de paz.»

Examinemos a segunda consequencia. E' bem verdade que o official fica silencioso, salvo o caso previsto no art. 121 do reg. alemão, que o nosso alterou. Na maior parte das evoluções, porém, longe de ser um manequim que a tropa arrasta, é o official quem guia o seu pelotão, só pela sua presença, sem gestos desnecessarios nem vozes superfluas. Basta examinar uma por uma as evoluções do regulamento: poucas são aquellas em que elle é realmente arrastado pela tropa, mas logo recupera a sua ascendencia sobre ella marcando-lhe o alinhamento e a direcção.

Apesar do profundo acatamento que me merece a opinião do Coronel Feyler, não creio que a intervenção dos subalternos nas evoluções da companhia concorra para lhes desenvolver o espirito de iniciativa. Esta se desenvolve por outros meios mais praticos e de resultados mais seguros e, se quizermos dar ao tenente a completa convicção da sua importancia, abusemos da ordem aberta. E' talvez a preponderancia da ordem unida nos exercícios que torna incommoda para alguns essa attitude silenciosa.

Agradeço ao Snr. Coronel Tasso Fragoso a honra que me fez dignando-se esclarecer-me, e com sinceridade asseguro que nunca o suppus capaz de se pronunciar levianamente.

Com desvanecimento registro as consoladoras palavras com que se refere á minha arma e, para terminar, congratulo-me com os leitores desta revista pela oportunidade que lhes proporcionei, com a minha ousadia, de se deleitarem com a colaboração do snr. Coronel Tasso Fragoso, sempre tão cheia de ensinamentos, através daquelle linguagem de crystallina pureza que trae o seu temperamento artistico. *Felix culpa!*

1º Tenente de Infantaria Maciel da Costa.

A batalha do Outono na Champagne

(1915)

(Conclusão)

Se grande parte de artilharia pezada francesa deixa de figurar na preparação do ataque do dia 27 de Setembro, um numero elevado de canhões, na noite de 26 para 27, começa a cobrir as posições alemães com um fogo vivo, aumentando sua intensidade por volta do meio dia até o fogo tamborilado. Ao mesmo tempo, informam

os observadores dos balões captivos que se observam ajuntamentos de tropas em toda parte das posições francesas, principalmente nas trincheiras mais avançadas, que não estão concluídas, pois ainda não atingiram á necessaria profundidade. Os defensores estão preparados. E ás 5 da tarde pronuncia-se o ataque, quando já se tinha certeza de que elle viria.

Não havia duvida, como sabíamos por uma ordem de divisão que se achou, e pelas declarações de muitos prisioneiros, que ia continuar a offensiva do dia 25. O exito que faltaria nesse dia, isto é, a ruptura das linhas alemães em uma grande extensão, e o avanco incessante até se penetrar em campo aberto, tinha de se alcançar pelo golpe do dia 27. Mas as tropas não satisfizeram ás intenções do commando, pois, na realidade elles atacaram apenas em poucos pontos da frente, não se tendo avançado com a vontade firme de atravessar as fileiras inimigas, custasse o que custasse.

Não ha duvida que se vê, defronte de alguns pontos da nossa posição, reluzir as fileiras unidas das bayonetas; ouve-se o «en avant», «tout le monde en avant», dos officiares, mas, ninguém obedece á voz dos commandantes; em parte alguma as tropas sahem das trincheiras para o assalto, como fôra ordenado. Impressionados pelo fogo dos canhões das baterias alemãs, que de novo os cobrem de metralha, e que dois dias antes, tantos camaradas havia ceifado, os regimentos recusam-se a avançar.

E nos logares onde realmente se atacou, constata-se mais uma outra diferença na maneira de avançar. Não existe mais aquella calma, aquella confiança na victoria, que emprestou ás ondas de assalto francesas, ao avançarem no dia 25 de Setembro, um quê de admirável. Os atacantes do dia 27 precipitam-se sobre as trincheiras alemãs em uma corrida rapida, impetuosa, quasi desesperadora. Approximam-se onda por onda, e cada onda é ceifada, quebra-se, e cahe, deante dos obstaculos das linhas alemãs, onde os cadáveres formam verdadeiras montanhas. A uma grande distancia, até junto ás posições francesas, está o solo entulhado dos corpos inertes, com o uniforme azul claro, daquelles que cahiram em combate. Em alguns logares, onde se atacou numa frente estreita, o adversario conseguiu, devido á sua superioridade numerica, penetrar nas trincheiras alemãs. Mas sómente por poucas horas, pois a posição inteira achar-se-á absolutamente de novo em poder dos defensores.

E na noite de 27 de Setembro o generalissimo frances compenetrar-se-á de que não havia sido atingido o objectivo, aquelle grande objectivo que, em sua ordem de 14 de Setembro, elle fixará ás tropas participantes da offensiva: «Para todas as tropas atacantes não se tratará sómente de se apoderarem das primeiras trincheiras, porém, de transpol-as todas, sem descansar dia e noite, até que tenham penetrado no campo aberto.» Apesar de haver sido preparada essa grande offensiva, como nenhuma outra empreza anterior, eram, comtudo, as forças francesas insuficientes para conseguirem o resultado que se tinha em vista.

Depois de haverem obtido num combate obstinado, extenuante, que forças inferiores alemãs, em um trecho da frente, recuassem até a segunda linha, situada apenas a alguns kilometros atraç da posição mais avançada, sentiram-se exhaustas

de forças, tendo chegado ao limite da sua capacidade de rendimento. Assim, pois, a repetição da offensiva, dois dias mais tarde, fracassou por completo. Sómente a falta absoluta de conhecimento da força de resistencia do adversario, o completo menospeso de suas qualidades moraes, podia dar lugar a que se repetisse com uma tropa, cuja capacidade de rendimento já se esgotara totalmente, uma offensiva que dois dias antes havia fracassado depois de ter sido preparada durante mezes, sem se desprezar nenhuma circumstancia, nenhuma consideração, como jámais se vira anteriormente na historia.

Parece-nos quasi uma temeridade que o generalissimo francez, em taes condições preliminares, contasse alcançar um victoria. Mas que elle ainda contou, no dia 27 de Setembro, ao iniciar a nova tentativa de ruptura das linhas allemãs, com um exito completo, prova-o a sua ordem mandando avançar na tarde desse dia as divisões de cavallaria, aggregadas aos exercitos de ruptura, até a região logo ao sul de Souain, apenas poucos kilometros defronte das linhas allemãs, onde elles deviam ficar de promptidão, para, em perseguição incessante ao inimigo, «tirarem todo proveito da ruptura da frente». Na realidade foram ellas sacrificadas inutilmente sob o fogo dos nossos canhões.

O espirito que, depois do fracasso das duas offensivas de 25 e 27 de Setembro, deve ter dominado grande parte das tropas atacantes francezas, é caracterizado acertadamente pelo apontamento que em 28 de Setembro o official francez, feito prisioneiro mais tarde, registrou em seu diario de campanha já alludido: «O golpe que fôra preparado falhou completamente. Acabou tudo...»

Comtudo, Joffre ainda não deu por perdida a sua causa. Depois que lhe tenham trazido a necessaria artilharia, e de estar terminada a concentração de suas baterias, elle tentará ainda mais uma vez attingir o grande objectivo que anunciará ao exercito e ao povo.

E emquanto se vae executando a concentração da artilharia, emquanto se vão retirando todas as divisões completamente aniquiladas, e se substituem as que menos sofreram, por outras tiradas de outras frentes, recomeça-se a combater em toda a linha segundo aquelles principios que já eram nossos conhecidos desde a batalha do inverno. Empenhando na lucta forças extraordinarias, o adversario começa agora a avançar sobre aquelles logares em que pequena vantagem já foi alcançada, conseguindo fixar-se ahi, em trechos estreitos de trincheiras allemãs, e sobre aquelles outros que parecem favoraveis a um exito completo, porque a nossa trincheira, formando um saliente defronte das linhas inimigas parece facil de envolver. Contingencia difícil, essa das tropas que tem de receber esses ataques! Porque é nesses logares que o adversario, cuja actividade de combate cessou nas outras frentes, reune forças em tão grande numero, como até então não se tinham reunido em um espaço tão estreito, nem mesmo na batalha principal do dia 25 de Setembro. Comtudo, esses defensores allemães se mantêm em suas posições e não cedem nenhum palmo de trincheira. E lá onde o adversario tiver a sorte de romper, protegido pela escuridão da noite, a frente em um pequeno trecho por meio de uma grande superioridade numerica, não será por muito tempo

que elle poderá gosar desse exito. Com um golpe rapido de flanco, levado a efecto por pequenas fracções, tapar-se-á a brecha, acutilando e aprisionando o adversario que conseguir romper a frente.

A 4 de Outubro terminou a concentração da artilharia franceza. São cerca de sessenta baterias que se fizeram avançar, para formar arco em torno de Souain, arco que representa o augmento de terreno conquistado no dia 25 de Setembro. Essas informações são o resultado indiscutivel das photographias dos aviadores e dos observadores allemães dos balões, que diariamente tinham constatado o augmento gradual da artilharia inimiga. Já ás primeiras horas do dia 5 de Outubro ha todos os indicios da imminencia da grande offensiva. Augmenta consideravelmente a actividade da artilharia em quasi toda a frente offensiva do dia 25 de Setembro. Augmenta de intensidade o fogo da artilharia, que ao meio dia já attingiu á do fogo tamborilado. E mais uma vez verifica-se que esse fogo é dirigido com particular violencia sobre certos e determinados logares, de modo que tambem mais uma vez patentea-se a mesma maneira de proceder da offensiva do inverno na Champagne. Porque, como sucedeu então, são agora tambem certas alturas, os pontos a que o adversario parece ligar especial importancia, e de que se quer apoderar, concentrando sobre elles o fogo mais vigoroso. São alturas donde elle poderá bem observar a nossa posição, o que actualmente não lhe é permitido das trincheiras situadas na encosta das collinas. E á retaguarda dessas alturas, contra as quaes provavelmente se prepara o ataque principal que estão sendo concentradas as reservas allemãs, ao mesmo tempo que as baterias começam a cobrir com um fogo furioso, uniforme, toda a posição franceza onde as tropas de assalto, pouco depois de meio dia, principiam a por-se de promptidão. E o exito não se fez esperar. Sómente nos logares que formam o objectivo principal dos commandantes francezes, as tropas que ahi parecem estar concentradas em grande numero sahem das trincheiras, tentando por meio de assaltos repetidos, tomar posse dessas alturas tão cubiçadas. Por fim elles se recolhem precipitadamente, sofrendo perdas muito consideraveis, para aquellas trincheiras situadas nas largas frentes intermedias, donde as tropas destinadas ao assalto nem chegaram a sahir. O fogo de barragem allemano manteve-as ahi retidas.

E renovam-se os assaltos no dia 6 de Outubro, mas novas derrotas lhes são inflingidas nesse dia. Os ataques são mais violentos e mais generalizados, mas, as vantagens do exito são pequenas, não correspondendo ás perdas que são extraordinarias. Dois pequenos trechos de trincheira, attingindo a uns centos de metros de largura, ficam em poder do adversario.

Na noite do dia 6 de Outubro tambem chegou ao seu termo essa offensiva, cujo resultado unico foi o de haver augmentado de novos milhares as perdas da grande offensiva do outonino e de terem sido baldados os novos esforços para alcançar-se uma victoria.

Dahi por deante os francezes restringir-se-ão a pequenas operações tacticas, contentandose com o objectivo formado pelo saliente da trincheira allemã, contra o qual concentrarão seus esforços e que, constituindo uma parte da antiga posição allemã, ficou incolum, no meio da região

conquistada pelos franceses, devido ao heroísmo de um regimento westphaliano e de outro rheinano. Esse saliente fica ao norte de le Mesnil, formando um ângulo cujo vértice penetra fundo no labirinto de trincheiras francesas. Alii elles esperam alcançar fácil sucesso, pois, essa posição parece-lhes insustentável se a atacarem simultaneamente por dois lados. Mas as suas tentativas, apesar dos ataques se prolongarem por dias e semanas, são baldadas. E, enquanto numerosos regimentos franceses esvaem-se em sangue, executando assaltos infrutíferos, os alemães conseguem, após preparo cuidadoso, reconquistar aquelas alturas, cuja posse lhes parece necessária para poderem se manter em sua propria posição.

Assim, duas alturas passam de novo para o poder dos alemães, no dia 2 de Outubro, a Butte de Tuhure, e no dia 3 de Novembro a não menos importante altura da cota 199 ao norte de Massige, sendo ambas guarnecidas e solidamente incorporadas às posições, como pontos muito importantes das linhas alemãs.

E com isso terminou a luta. Com o assalto do dia 3 de Novembro terminou a batalha do Outono na Champagne, a batalha mais formidável que a história conhece quanto ao numero de combatentes e à amplitude dos meios de combate nella empregados, e que, quanto à sua importância, também pôde ser igualada às maiores batalhas da história militar alemã. Esta importância está na glória de todos aqueles que nella combateram contra uma superioridade numérica formidável, dez vezes maior, dando uma prova de que a vontade e a força de resistência alemã são capazes.

O ESTADO ACTUAL DA CAVALLARIA ARGENTINA

Em um interessante folheto sobre a organização da cavalaria argentina, comentado no numero de Abril da "Revista Militar", que se publica em Buenos Ayres, o tenente-coronel C. Anschutz assinala as dificuldades do problema da mobilização desta arma no vizinho paiz.

Já em seu livro, "Unsere Kavallerie im nächsten Kriege", o general von Bernhardi mostra que o sistema adoptado na infantaria, de se elevar os efectivos de paz pela incorporação de reservistas, etc., é, em princípio, inaplicável na cavalaria. Porque, para conservar a sua característica mais importante — a mobilidade — sem o que seu emprego tão preconizado no inicio das operações será ineficaz, não basta à cavalaria o preenchimento dos claros com *homens instruidos*, e sim torna-se preciso buscar *cavallos adextrados* e *cavalleiros treinados*.

Mas não é somente sob este aspecto que o coronel argentino estuda o problema da mobilização da cavalaria. Expondo a missão que lhe incumbe logo após o rom-

pimento das hostilidades, elle extende sua apreciação, primeiramente, à capacidade de comando dos chefes superiores. E diz:

"Vemos, pues, que el importante rol de nuestra arma se desarrollará desde los primeiros días de declarada la guerra, que obrará por agrupaciones mayores que las patrullas, escuadrones y regimientos, y que para esto, no sólo es necesario que esté constituida, desde el tiempo de paz, en las agrupaciones como ha de ser empleada, sino que es imprescindible que exista una buena ejercitación en el comando de las diferentes agrupaciones que forman lo que llamaremos división de caballería, brigada de caballería, según el caso.

Esto es más importante de lo que parece a simple vista. No basta tener la agrupación constituida y en los lugares más apropiados. Hay que mandarla y, sobre todo, saberla mandar, lo que no se consigue en la forma que estamos y que estudiamos.

No se aprende a mandar una división de caballería sólo con la preparación obtenida en los estudios teóricos, ni con la lectura de la historia de la guerra, sino al frente de las unidades que a las diferentes jerarquías militares corresponden. Es ahí, en la práctica y en la experiencia diaria, donde se forja el jefe de estas fuerzas. Es en el arma misma, donde se aprendió a ser soldado, oficial e instructor de sus soldados, capitán instructor de sus oficiales y clases, donde condujo con sus ideas la instrucción de sus oficiales, sin desviarse del objetivo que se persigue al constituir el ejército de paz, para que éstos siguiendo su ejemplo, infiltrén en el corazón y en la voluntad de sus clases y soldados el espíritu juvenil de empresas y sacrificios de que debe estar dotado el que tiene el honor de ser jefe de tropas de caballería. Sólo así el jefe de caballería se encontrará en condiciones de dictar por si órdenes encuadradas en las circunstancias, sin tener que acudir a la opinión de sus subalternos, afectados al comando con otro fin."

No que concerne aos efectivos, o tenente-coronel Anschutz mostra que ha a considerar não só a sua elevação dentro dos esquadrões, como ainda a criação de novas destas unidades. A República Argentina tem organisados, com um efectivo de 279 praças cada um, 9 regimentos de cavalaria. Destes, um constitue a Escolta Presidencial e outro a Gendarmaria Terri-

torial, ou policia de fronteira, os quaes, instruidos na paz de acordo com as suas funcções, não estão preparados como unidades de guerra. São, portanto, em numero de 7 os regimentos activos que se apresentarão em uma luta.

Os quadros de mobilisação dão as cifras de 152 e 160 homens de tropa, respectivamente, para os esquadrões divisionarios e para os das divisões de cavallaria, sendo que a ambos attribuem um effectivo de 176 cavallos. Vê-se que o effectivo de paz de um regimento representa 1/3 do de guerra, de maneira que serão precisos mais ou menos 66 % de reservistas para completar os claros dos regimentos de paz. Mas, concomitantemente com a elevação dos effectivos dos 7 regimentos que se instruem na paz, tem a Argentina que crear na mobilisação mais 10 regimentos com effectivos de guerra, pois elles devem ser em numero de 17, correspondentes ás 2 divisões independentes e aos 5 regimentos divisionarios com que o seu exercito entrará em campanha.

Como soluções ao difficult problema o coronel Anschutz apresenta as seguintes:

a) Crear 10 regimentos com elementos procedentes na totalidade da reserva e completar os regimentos de paz com os 66 % que lhes falta;

b) Distribuir equitativamente o pessoal e os quadros instruidos dos regimentos de paz entre os 17 regimentos que o exercito necessita em pé de guerra; quer dizer, desdobrar as unidades do tempo de paz.

A primeira solução importaria na formação de novas unidades, no seu grupoamento e instrucção; no preparo dos diferentes commandos, pelo menos no que diz respeito á necessaria unidade de vistas e ao exercicio da indispensavel iniciativa nos varios gráos da hierarchia. Demais, a diferença que as unidades assim creadas apresentariam na instrucção, comparadas ás de paz, que conservariam seus quadros de officiaes graduados e 1/3 do pessoal instruido, tornaria heterogenea essa tropa de cavallaria, e consequentemente de um emprego difficult.

A segunda solução exige que cada regimento de paz se desdobre em 2 1/2 regimentos de guerra, ou melhor, em 10 esquadrões mobilisados. E assim cada esquadrão mobilizado terá $\frac{279}{10} = 27,9$, ou sejam 28 elementos instruidos na paz; quer dizer, terá o seu effectivo completado com

124 ou 132 reservistas, segundo o caso, o que representa 81 %. Os graduados deveriam sahir na maioria da reserva, pois a repartição daria um nucleo de 4 por esquadrão mobilizado.

Quanto aos inferiores, commenta o coronel Anschutz:

"Los voluntarios que posee nuestro ejército, en número de 7 a 8, están con el objeto de ser preparados para desempeñar más tarde las funciones de suboficiales. Es de suponer que con motivo de la movilización éstos serán ascendidos inmediatamente porque, apesar de la poca experiencia adquirida durante su periodo de soldado, sabrán desenvolverse, pues, de otra maneira y de acuerdo a disposiciones superiores, habrian sido eleminados por no reunir las condiciones necesarias. Este personal distribuido entre las unidades a formarse no alcanzaria a uno por unidad, de modo que los suboficiales del servicio permanente alcanzarian a uno por unidad, de modo que los suboficiales del servicio permanente alcanzarian a cinco por escuadrón, más o menos.

Sin atender a las diferentes funciones que tendrán que desempeñar los suboficiales dentro del escuadrón, y que exigen un personal experimentado, tendrán las inherentes a su arma y, sobretodo a lo que primero se apresenta a un ejército, después o durante la movilización, que es, el despejar la incognita del enemigo, función pura y exclusiva de la caballeria.

Estos servicios no pueden ser cumplidos ni por los suboficiales, ni por los soldados, ni por los oficiales. Esta afirmación no implica una duda sobre la capacidad de nuestro personal actual, sino de su mejor preparación y, sobre todo, de su organización porque si su preparación teórica es buena en cambio su práctica es mala quizá, y seguramente deficiente. Como se podrá desempeñar el mejor capitán de caballeria con dos oficiales del tiempo de paz cinco suboficiales y veintiocho conscriptos, únicos que ha conocido en su escuadrón, que ahora tiene un efectivo de 150 a 160 hombres, si es que le toca actuar como unidad de descubierta, en una división recién formada, com jefes que recién se encuentran frente al tan serio problema de conducir una división de caballeria, y que deben conducir eficazmente, si quier asentar, desde el primer momento, su superioridad material y moral con todas suas consecuencias ?

El que conozca la actuación de la caballería en la guerra, que amplia y claramente describen nuestros reglamentos, será un convencido, como el autor, de que un reservista que haya pasado más de cuatro años desde que abandonó las filas del ejército, después de haber terminado su conscripción y, sobre todo, con períodos incompletos, con faltas de recursos y elementos para sus instrucciones aceleradas de otro periodo, con el objeto de mostrar al pueblo, y a la prensa sobre todo, cosas inverosímiles que prejudican tanto al conscripto como al instructor, por entrañar ideas erróneas de sus funciones con las continuadas inspecciones, tan peligrosas para la carrera y bienestar del oficial, etc., será un convencido de que no podrá conservarse satisfactoriamente con las fuerzas y el entrenamiento que requieren la actividad y la acción de la caballería en cada uno de sus miembros."

E mais adeante:

"En la guerra no hay tiempo para enseñar porque es el momento de ejecutar y, en este concepto, debe reconocerse que es necesario agrupar orgánicamente las tropas de caballería, desde el tiempo de paz, tal cual se las ha de emplear en la guerra, y si ésto no es posible, por lo menos deberá mantenerse el cuadro de oficiales, suboficiales y voluntarios aspirantes a suboficiales.

Si el número de los regimientos fuese aumentado de modo que en la movilización tuvieran que desdoblar-se, habría que tener para cada regimiento un número mayor de suboficiales, sobre todo de voluntarios, para que al desdoblar la unidad, su estado de combatibilidad no desaparezca totalmente, como en los casos tratados precedentemente."

No que interessa aos cavallos, mostra o teniente-coronel argentino que o seu efectivo precisa ser elevado de 87% com animaes de requisição, de domas, conformação e idades diferentes e sem o treinamento necessário; e que não obstante terão de transportar todos cargas de 100 a 120 kilogrammos.

"Debemos confesar, aunque produza honda pena, que nuestra caballería actual, no difiere en mucho de una caballería de milicia, dado que necesita para formarse, en caso de guerra, el 81% de hombres de la reserva y el 87% de caballos requi-

sitados; que habrá de formar a los generales, jefes de división, a los coronéis jefes de brigadas, porque las actuales brigadas nos hacen pensar en el sistema de contar el número de los caballos por el de las patas de los mismos, pues nuestras famosas brigadas de caballería, sólo tienen um regimento de 260 plazas, correspondiendo en caso de guerra 1.481 homens y 1.667 caballos, esto es 7 veces más que lo que actualmente comandan..."

1º Tte. de Cav. *Euclides de Figueiredo.*

Modificações necessárias na distribuição dos oficiais do Exército

Vem do passado regimen político, a dificuldade de distribuir os oficiais do Exercito segundo as funcões que os originaram, realizando o velho princípio tão natural, tão simples e tão indispensável de que *cada macaco deve ocupar o seu galho*, equilibrando a arvore e evitando flexões despropositadas e destruidoras.

Todos sentimos que, para attingir esse objectivo, as dificuldades crescem e com ellas aumenta a irregularidade na distribuição dos oficiais, chegando a perturbar a vida das unidades e pondo em duvida o exito da transformação do Exercito em grande escola da nação armada. Todos sabemos que, sem considerar os elementos do exercito activo reduzidos a nucleos, e deixando de parte as equipagens de engenharia, as columnas de munições, as companhias de saude e as de administração, bem como todas as formações dos serviços auxiliares, trinta e seis são as unidades do Exercito que, apezar de terem os seus oficiais completos, estão sem efectivo em praças e, portanto, desorganizadas. Entretanto as unidades organizadas têm grande falta de oficiais, falta que já se estende ás da Capital Federal, justificando a inquietação que o problema nos causa.

Não precisamos outros esclarecimentos para prever as dificuldades que surgirão quando o governo organizar todos os elementos do exercito activo, organisação que elle encaminha feliz e patrioticamente e da qual não podemos mais duvidar, depois que o Congresso Nacional, em ampla autorização, afastou toda a sua responsabilidade dos defeitos e faltas da nossa defesa.

Onde estão os oficiais do Exercito?

Estarão clandestinamente afastados das suas funcões?

São essas as perguntas que surgem sempre ao tratar-se do assumpto, as vezes formuladas com a honesta e patriótica revolta dos que desejam remover entraves aos progressos do nosso preparo militar.

Mas a resposta é facil. Um grupo mais reduzido, está, amparado em leis, tratando dos seus interesses, fazendo outra carreira mais brilhante e rendosa, por não encontrar, no seu espírito militar, encantos que embacem a extraordinaria perspectiva de ser capitão aos 45 annos de idade

depois de ter, em média, 28 anos de serviço activo e forçado como o da tropa. A outra parte dos que estão afastados das suas unidades, desempenha funções apropriadas aos seus postos, escudada nas necessidades de serviços ou na flexibilidade das leis e regulamentos, convencida de que não erra em preferir aos seus regimentos, cargos criados para serem exercidos por officiaes e que lhes são mais comodos, já pela natureza dos serviços, já pelo menor numero de obices que se oppõem ao seu pleno exercicio.

O numero de officiaes deste segundo grupo, tem crescido consideravelmente com as ultimas transformações do alto commando, com a remodelação de serviços diversos e com o desenvolvimento da instrução ministrada fóra da tropa, modificações que foram feitas sem a criação paralela das personalidades indispensaveis ao exercício das novas funções e cuja realização encontrou a facilidade proveniente da existencia de officiaes pertencentes a corpos sem efectivo.

Por outro lado, a deficiencia de certas verbas occasionou, principalmente nos corpos montados da 7^a Região Militar, tal pobreza nos seus elementos essenciaes, que difficil se tornava ao oficial acompanhar, *de visu* e com a sua responsabilidade, o triste futuro que os esperava.

Nada nos impede sonhar com um quadro de officiaes que procure religiosamente adestrar-se na sua verdadeira função, mas não sabemos si esse sonho será realisável nos tempos correntes e si poderemos completar perfeitamente a tropa, sem desorganizar serviços indispensaveis.

O que precisamos, é estabelecer uma razoavel preferencia para a tropa, abandonando completamente a idéa de resolver fóra della o problema da nossa defeza, principalmente porque isso seria impossivel, sem organisarmos preliminarmente um nucleo de valor, como poderá ser o nosso minusculo Exercito permanente.

Estão na moda os argumentos da improvisação do exercito inglez, do esforço que a França desprevenida poude oppor ao invasor, da transformação instantanea, que breve se annunciará, dos Estados Unidos em potencia militar; convem, entretanto, não afastar esses argumentos das condições especiaes do meio em que se operou a transformação dos exercitos aliados, dos nucleos permanentes de valor que existiam constituidos com suas reservas (o menor de 150.000 homens), do tempo que circunstancias muito especiaes permitiram gastar, do numero de fronteiras em que tiveram de operar os exercitos da *Entente* e dos sacrificios que já custou ás grandes nações aliadas a sua relativa imprevidencia.

Os que se extasiaram nesses argumentos, ficarão embasbacados quando, despidos de paixão, verificarem que, excepção feita da França onde os serviços já estavam bem organizados, as outras mobilisações consistiram na preparação de verdadeiros exercitos permanentes, onde se cuidou desde a multiplicação das escolas militares até a adaptação, mais ou menos forçada, de leis que eram desprezadas por incidir contra os interesses e tendencias das respectivas nações. Ahi verificarão tambem que essa preparação feita á sombra de poderosas esquadras, poude significar concurso valioso, porque outras nações aliadas já estavam em contacto com o inimigo, luctando heroica e resignadamente até que chegassem os novos exercitos.

Os casos são bem especiaes, mas, mesmo

assim, não podemos fugir a uma grande admiracao pelos valiosos nucleos permanentes que tão relevante somma de trabalhos souberam desenvolver, já na utilisação dos elementos de que o meio dispunha, já na applicação dos velhos e mesmos principios vencedores.

Honra aos seus quadros que nos campos de batalha souberam conquistar as ultimas medidas de selecção previstas e que, como cerebros dos exercitos da colossal aliança, vão vencendo o formidavel esforço dos imperios centraes.

Nestes, como em outros casos, desde que se analyse os factos com a unica preocupação de isoler as verdades que nos devem orientar, chegaremos sempre á conclusão de que a tropa permanente, unica escola efficiente para a preparação da defeza de um paiz, merece todos os cuidados e preferencias, e é a causa da existencia de todos os outros orgãos e serviços de um exercito. Os seus quadros sadios, ousados, capazes, completos, devem estar em constante exercicio, torvelinhando sempre na sua esphera profissional, para que as forças centrifuga e centripeta, operem a unica selecção util, determinando quaes os que podem, com acerto, ocupar as multiplas funções destinadas aos officiaes.

Todas as medidas de rejuvenescimento ou selecção, que não visarem directamente uma cuidadosa organisação da tropa, serão despidas de valor porque não tendem a aprimorar a instrucção profissional.

E' voltados para ella, estabelecendo a arregimentação obrigatoria, normalisando o funcionamento do exercito-escola com os seus mestres a postos e estimulando os elementos capazes ou augmentando a capacidade e experencia dos já estimulados, que poderemos marchar firmemente para o Exercito que sonhamos e que convem ao Brazil.

Precisamos, portanto, que se faça a revisão do art. 25 do Decreto n. 11497 de 23 de Fevereiro de 1915, substituindo nelle a idéa economico, naquelle momento dominante, pela idéa de efficiencia, unica compativel com estes dias.

Elle estabelece um quadro para os elementos do exercito activo, mas é urgente modifical-o, limitando o exercicio das funções que podem ser attribuidas aos seus officiaes áquellas da tropa e commandos directos, estabelecendo a obrigatoriedade da transferencia para outro quadro, a todos os que attingirem a idade estabelecida para a reforma compulsoria na Marinha Nacional, e prescrevendo que nenhum official possa delle ser afastado, para exercer outra função, sem que seja previamente substituido e transferido para o quadro que lhe competir.

Assim teremos constituido um *quadro ordinario* onde os officiaes, desde o General de Divisão até o 2º Tenente, sabem que não lhes é dado, enquanto nelle estiverem, obter qualquer outra collocação que não seja o seu posto de commando.

Assim aperfeiçoaremos, uniformisaremos e generalisaremos a instrução, produziremos inspettores, commandantes e instructores ao mesmo tempo que faremos sortir aos olhos do povo um resultado, palpavel, positivo, consolador, dos sacrificios que elle tem feito e faz para manter um Exercito.

(Continua.)

1º Ite. de Art. Pantaleão Pessoa.

DA PROVINCIA

Directivas para os exames de instrucção. Os exames do primeiro periodo no 4º R. A.

A 4ª Divisão do Exercito tomou este anno uma iniciativa a respeito da instrucção que bem merece imitação, si não adopção geral com alguns ligeiros retoques. Baixando as suas "Directivas para os exames de instrucção" o exmo. sr. general chefe daquella grande unidade executou um esforço util no sentido de tornar os exames uma realidade e de responsabilisar os officiaes pela efficaz instrucção da tropa.

A ideia é tão simples, tão cabida, tão opportuna que só se pôde estranhar que não esteja adoptada em todas as nossas regiões militares. Sei de uma especialmente que muito teria a lucrar, por exemplo, com um empurrão na sua infantaria que ainda não applica o R. T. I., quasi desconhecido, talvez porque o Departamento Central não tenha feito bastante reclame de que vende esse artigo...

Transcrevamos alguma coisa das "Directivas":

"Considerando que a incorporação dos recrutas foi, ainda este anno, muito irregular;

que o R. I. S. G. miudêa os programmas de instrucção, porém não estabelece as regras que devem presidir aos respectivos exames;

que as tropas de uma mesma divisão devem ser educadas e treinadas segundo a mesma doutrina e os mesmos methodos, afim de que a nossa primeira grande unidade forme um corpo homogeneo, capaz de uma grande convergência de esforços phisicos e moraes em ação;

resolvo baixar as seguintes directivas para os exames de instrucção no corrente anno, dentro do espirito e da letra dos regulamentos em vigor.

CAPITULO I

EXAME DE RECRUTAS

1º — Os exames de recrutas de todas as armas realizar-se-ão da segunda quinzena de Junho á segunda de Julho, devendo os cdtos. de unidades comunicar ao quartel general os dias escolhidos para as provas.

2º — Os exames de recrutas serão presididos nos R. I. pelos cdtos. de batalhões a que pertencerem as companhias; nos R. C., G. Art., B. Caç. etc., pelos respectivos cdtos.

§ unico. — Todos os officiaes devem assistir aos exames de recrutas, inclusive os cdtos. de R.

3º — A critica é obrigatoria pela autoridade que presidir ao exame. Estando presente official de posto mais elevado fará este a *critica da critica*, caso haja observado qualquer infracção aos regulamentos, ou qualquer deslize contrario ás doutrinas e aos methodos de instrucção.

4º — A critica será feita exclusivamente em circulo de officiaes e aspirantes, evitando o official que a fizer, com o seu tacto e moderação,

ferir o amor proprio do seu camarada. (Vér art. 24 do R. I. S. G.)

§ unico. — O official sujeito á critica não deve e não pôde justificar-se dos seus erros, a não ser que o seu superior o interroge sobre o assumpto.

A infracção desta disposição constituirá uma falta de disciplina, que deve ter sancção immediata.

5º — As turmas ou pelotões de recrutas serão apresentados á autoridade examinadora pelo offcial instructor.

A — NA INFANTARIA

6º — O programma do exame, a realizar-se na segunda quinzena de Junho, compreenderá as seguintes partes:

I. Revista do equipamento, fardamento, calçado e armamento.

II. Apresentação em conjunto de cada turma, commandada pelo respectivo instructor:

a) Ordem unida e manejo d'armas;

b) Ordem aberta (com exemplos de fogo e tiros de festim);

c) Esgrima de bayoneta (parte preparatoria das I. E. B.);

d) Gymnastica (letras B e C do R. G. e em apparelhos).

III. Exame individual. Cada recruta deve ser examinado de per si sobre os seguintes pontos: *Instrucção geral*, pag. 45 e *Escola de recrutas*, II, pag. 46 do R. I. S. G.

IV. Tiro. Todos os recrutas farão perante o official examinador exercícios principaes para os atiradores da segunda classe, segundo o grão a que tiver attingido sua instrucção.

Seguem-se as partes relativas a metralhadoras, cavallaria, artilharia; depois o Capítulo II "Exames de Companhias, Esquadões e Baterias" com identica discriminação por armas; o Capítulo III "Exame de Batalhão, Grupo de Artilharia e Regimento de Cavallaria"; o IV "Exame de R. I. e Manohras"; o V "Exames especiaes" (Saúde e veterinaria) e finalmente o VI "Modo de julgar", o qual tambem transcrevemos:

MODO DE JULGAR

30º — Cada exame exige um julgamento sem o que os programmas de instrucção perderiam grande parte de sua importancia.

31º — Torna-se ainda mais necessário o julgamento dos exames tendo-se em vista a vastidão do territorio regional. Sem elle o commando da Região na impossibilidade de vér tudo pessoalmente, não poderia acompanhar o cumprimento sagrado dos diferentes regulamentos, nem avaliar da competencia de seus officiaes, faltando-lhe os dados essenciaes para exercer uma das suas missões mais delicadas — fiscalizar e informar as folhas de conducta annuas.

32º — Os modelos juntos mostram como o examinador de cada periodo pôde julgar por grãos de 0 a 10, as differentes partes do exame.

33º — Não pensando ter produzido obra perfeita peço a todos os srs. officiaes sob meu commando que me enviem por escripto seus parec-

res sobre as presentes instruções, colaborando comigo no aperfeiçoamento do preparo militar da 4^a Divisão.

Constatadas as circunstancias que justificam o pleno cabimento das "Directivas", aliás expressamente citadas em seus considerandos, é secundario examinar se é ou não optima a solução adoptada pelo Exmo. Sr. General Inspector da 6^a Região.

O essencial era que apparecesse solução e é, depois, que seja executada com "vontade". Só a sua execução é que poderá indicar com fundamento as alterações convenientes, sejam elles suppressões ou ampliações ou ainda mudanças de processo.

Com a devida venia e respeitosamente faço algumas considerações. Começo destacando pela novidade entre nós o preceito do § do art. 4º: tem inteira applicação para assegurar a ordem, a compostura, nas críticas.

Noto no Capitulo I a falta de referencia aos soldados prompts (art. 23, 25 e 26 do R. I. S. G.), e tambem a falta de uma providencia sobre retardatarios.

Parece-me que seria conveniente incluir no art. 1º o aviso de que as unidades devesssem contar com a possibilidade de serem mudados os dias que escolhessem, como fosse mais compativel com o "programma de viagem de exames" do Inspector. Embora S. Ex. depois não podesse contemplar a todos os corpos nessa viagem, a só perspectiva dessa visita estimularia o trabalho.

Como nota de valor accresce que as "Directivas" já começaram a fructificar: o quartel general da 6^a Região já recebeu os resultados dos exames effectuados até nos destacamentos do Contestado.

Os modelos de julgamento attribuem a classificação aos cdtes. de companhia, etc., o que parece improprio, por serem elles os responsaveis pelo nível obtido na instrucção (art. 30 do R. I. S. G.), além de que nos corpos como a maioria dos do Rio Grande, onde não ha subalternos, seria um auto-julgamento.

Nem só na 6^a Região fructificaram as "Directivas": inspirado por elles o Sr. coronel cdte. do 4º R. A. baixou uma ordem sobre os exames do 1º periodo de instrucção, publicada tres semanas antes do inicio das provas, graças á qual ficou

assegurada a identidade do ensino em todas as baterias desse corpo. Dizia essa ordem:

EXAME DE INSTRUÇÃO

No proximo exame de recrutas e praças promtias marcado desde Fevereiro pela Inspecção da Região para a primeira quinzena de Agosto será observada a presente ordem:

"1º — (Do R. I. S. G. 26) O exame será feito com a presença de todos os officiaes do regimento. Em cada grupo será presidido pelo respectivo cdte.; as perguntas e os commandos serão feitos por quem tiver dado ou dirigido a instrucção, ao criterio do cdte. da bateria, podendo as autoridades superiores fazer tambem perguntas e mandar executar os commandos que lhes parecerem convenientes. Cada homem será examinado individualmente, além dos trabalhos em conjunto, sem pressa mas tambem sem inutil fadiga para a tropa.

"2º — (Do art. 30 do R. I. S. G.) Os retardatarios, isto é, os que o cdte. do grupo ou autoridade superior presente não approvar numa ou noutra parte serão submettidos a novo exame depois do periodo de instrucção de bateria.

"3º — (Do art. 35) Os cdtes. de bateria e as autoridades examinadoras terão presente que na instrucção theorica não se deve passar dos rudimentos indispensaveis.

"4 — (Do art. 24) O cdte. do grupo fará a critica, em seguida o do regimento. A critica é um dos melhores elementos para o aperfeiçoamento da instrucção; deve ser feita mesmo quando tudo tenha corrido muito bem. Em caso de erros ou imperfeições a critica deve pô-los em evidencia usando de tacto e moderação.

A critica será feita sómente em circulo de officiaes. Aos cdtes. de bateria cumpre fazel-a depois ao seu pessoal instructor em particular, e a toda bateria em geral.

E' uma incorrecção inadmissivel o official sujeito à critica apresentar justificativas sem que o superior lh'as peça.

"5º — O exame começará na primeira segunda-feira de Agosto, pelo 10º Grupo, de accordo com o programma abaixo.

Para não tomar espaço com a integra do programma diremos apenas que elle previa oito dias de exames, diariamente de manhã e de tarde. Para cada bateria o seguinte:

Uma hora: Gymnastica ser arma a comando; id. de apparelhos; id. com arma; esgrima preparatoria (vd. prohibição do art. 5 das I. E. B.). "Funcionarão ao mesmo tempo todas as turmas da bateria."

Quarenta minutos: Infantaria—manejo d'arma completo; marchas, voltas, alto. "Além do exame de conjunto por turmas, haverá exame individual, por filas, cada um commandando para os dois da fila."

Vinte minutos: Manejo e nomenclatura da espada. "Na mesma forma."

Quarenta e cinco minutos: Noções theoricas do R. T. do mosquetão e nomencla-

tura summaria deste e de sua munição. "Exame individual; o pessoal comparece por turmas de instrucção."

Uma hora e quinze minutos: Conti-
nencias; nomes dos officiaes do corpo e
altas autoridades; noções de organisação
do Exercito; rudimentos de geographia e
de historia patria e militar. "Exame indi-
vidual; comparecimento por bateria inteira."

Duas horas: Artilharia — noções theore-
icas segundo o Compl. do R. T. A.; no-
menclatura, funcionamento e emprego da
munição; papel da artilharia de campanha em
combate; manejo do material, baseado em
commandos de tiro simulado, um de
pontaria indirecta e outro directa.

Além dessa parte o programma es-
tabeleceria exame do pessoal de saúde e
de veterinaria e o exame de tiro. Em
cada grupo o exame de tiro das praças
seria feito por um sargento, um graduado,
uma praça antiga e cinco recrutas de cada
bateria, escolhidos pelo cdte. do grupo em
face das folhas de tiro das baterias, exe-
cutando cada um o exercicio que lhe ca-
beria pelo grão de adiantamento attingido.

Finalmente o programma estabelecia
uma prova de tiro para todos os officiaes.

A justa satisfação que devem sentir
todos os que são capazes de apreciar os
benefícios da iniciativa da 4^a Divisão do
Exercito e da expontanea imitação do
4^o R. A. não deve distrahil-los de elevar
ainda seus sentimentos: é preciso tornar
geral e obrigatoria a observancia de "Di-
rectivas para os exames de instrucção."

1º tenente Bertholdo Klinger.

O Problema da Promocão

Estamos no goso da autorisação mais ampla que já se tem dado para a organisação militar do Paiz. Cuidar-se-ha do material, e tudo mais em grandesa se não em fórmula, ser-lhe-ha méra con-
sequencia.

Todos sabem que é com o material de guerra que se applica essa formidavel força physica ca-
paz de fazer obra de destruição, de ruina, de
aniquilamento do inimigo, abalo igualmente ma-
terial que o obriga a renunciar a esperança de
vencer, pela convicção de que está vencido. E' preciso para usar de elementos tão poderosos de
lucta, com a extensão e a intensidade dos esfor-
ços exigidos na batalha, ter a vontade mais firme
de triumphar, o que nos leva a concluir, segundo
o preceito napoleónico, que no balanço das cau-
sas que fazem o exito, a força moral está em
primeiro plano. «Apezar de todos os sophismas
inventados pelos phraseurs e discursadores, a vi-

ctoria não tem sido jamais o triumpho exclusivo da força brutal.» (1) «Ensina-se bem quando se afirma que os factores psychicos são preponde-
rantes no combate, porque todos os outros, tales como a perfeição do armamento e a habilidade da manobra, agem indirectamente pelas reacções moraes que provocam.» (2)

Ora, essa força moral, se adquire pela edu-
cação, da familia pela escola á sociedade, e prin-
cipalmente pelo Serviço militar. Se na guerra mo-
derna o estado é orgão centralizador, de coor-
denação, dirigente das nacionalidades que se attri-
ctam, que se chocam; se o conflicto armado em
alta escala é de povo para povo; antes de qual-
quer outra condição na linha dos successos, é
necessario que todo homem seja rijo no ponto
de vista moral, principalmente os officiaes, que
são os conductores dos soldados em lucta. E' im-
prescindivel ter recursos materiaes, tanto como
uma brillante officialidade. Assim, urge pensar
nos quadros ao lado da acquisição do material
de guerra; meditar em um processo de promo-
ções que esteja de acordo com as nossas exactas
circumstancias.

Transplantar dos grandes centros militares
tudo e simultaneamente, parece-nos pouco logico,
porque se vae á subversão do meio. Nossa caso
é talvez mais de adaptações.

A promoção é o mecanismo que permite for-
mar e manter a hierarchia, essa gradação de
postos, que corresponde a uma gradação de uni-
dades, a uma gradação de funções, traduzindo
pela subordinação aos chefes, o principio da
ascendencia moral destes, onde quer que se en-
contre tropa. Vale dizer que para commandar é
preciso estar elementarmente em condições de
mandar, que se saiba aquillo que se ordena, para
que se lhe meça o alcance, e se vele por sua
execução, com a visão de quem está de cima, e
com a energia de quem sabe que suas ordens, por
serem a ultima palavra, não serão discutidas.
Todo sistema de promoções que não conduzir a
esse resultado, por ser artificial, desharmonico,
illogico, será dissolvente, embora a condescen-
dencia tacita de todos possa gerar a illusão de
que se tem unidade. Entretanto, convenhamos,
não poderemos ir de um pulo a essa perfeição.

Nossa lei de promoções foi feita por partes,
em épocas espaçadas, e soffre desse mal, corres-
pondendo suas prescripções mais antigas ao tempo
em que os dirigentes levavam a nossa officiali-
dade a philosophar de acordo com as escolas
modernas, a fazer política segundo um sistema
seu, ou se deixaram dominar pelas cousas exter-
iores: os uniformes, a parada, os exercícios de
arma sem objectivo, o espirito de polícia pelo
dar a guarda de certos estabelecimentos, a ma-
nutenção da ordem publica pela repressão dos
conflictos entre as pequenas collectividades... A
esta phase seguiram-se symptomas lamentavel-
mente oportunistas, que se vêm insinuando até
hoje, as eternas contagens de antiguidade, a anti-
guidade de curso já sem tempo, etc.

O estudo do nosso regimem de promoções
conduz, naturalmente, a tratar primeiramente de suas
incongruencias, para em seguida analysar seus
critérios basicos, de modo a podermos concluir
por uma solução, que se harmonise com o bem
geral. O assumpto é delicado por envolver in-

(1) «La Guerre», Général Kessler.

(2) «Dressage de l'Infanterie», Colonel de Grandmaison

teresses pessoais, que se não contêm muitas vezes dentro de seus justos limites. Elle tem aspectos impressionantes, muito conhecidos, mas que à força de repetidos, talvez possam ser modificados. Assim, é relativamente difícil ser 2º tenente de qualquer arma, pois para tanto, além de outros requisitos, é preciso ter o curso respectivo, cosa que se não alcança, de posse de todos os preparatórios e aprovação no exame vestibular da Escola Militar, na melhor hypothese, em menos de quatro annos na infantaria e cavallaria, e cinco na artilharia e engenharia.

Entretanto, para ser general, a lei não estabelece o preparo como condição, e nem se pense que se trata do alto saber necessário a um grande commandante.

No Brazil, legalmente, o general não precisa ter o preparo do aspirante. Em se chegando a tenente-coronel, com um anno de posto, caso de oficial moderníssimo, o Governo pôde fazer um general de brigada em tres dias, promovendo o tenente-coronel acima individualizado a coronel em um, e elevando-o dois dias depois a general, sem outra preocupação, qual a de lavrar dois decretos, porque a promoção a este ultimo posto, deve ser feita, dentro da lei, por escolha «independente de interestício», mesmo. Um Paiz acusado de tudo fazer-se pela politica, com a politica e para a politica, quando a successão presidencial tem lugar por periodos de quatro annos, parece não bem pensada aquella faculdade, embora seja justo dizer, o que conforta, não ter ainda nenhum governo della se prevalecido.

O art. 5º da lei 1351 de 7 de Fevereiro de 1891 estabelecia que a promoção a 1º tenente e a capitão seria feita por antiguidade, sendo o curso da arma «condição imprescindível». Mas como existissem na infantaria e cavallaria officiaes sem curso, seu parágrafo unico mandava que dois terços das vagas daquelles postos fossem preenchidas por antiguidade, e o terço restante «por subalternos que tivessem o curso de arma.» A lei 1348 de 12 de Julho de 1905 modificou o disposto no artigo e parágrafo citados, de modo que a promoção aos postos de 1º tenente e capitão na infantaria e cavallaria tivesse lugar metade por estudos e metade por antiguidade absoluta. Diz ainda esta lei: «logo que o numero de alferes e tenentes com o curso da arma iguale ao dos que não o têm nos respectivos quadros de cada arma, a promoção destes officiaes ao posto imediato, passará a ser feita preenchendo-se as vagas na razão de dois terços por estudos e um terço por antiguidade absoluta.» E' onde queríamos chegar.

O nosso sistema de promoções estabelece «estudos» ou «curso da arma» como criterio determinante, quando de facto é apenas, mera condição. Ninguem avançará a que «estudos» e «curso da arma» sejam synônimos. Ninguem ainda foi promovido propriamente por estudos. Dar-se-hia este caso se, havendo uma vaga por exemplo de capitão em certa arma, fosse ella preenchida pelo 2º tenente que tivesse mais estudos oficialmente reconhecidos nessa arma, «independente» de sua antiguidade, hypothese que jamais se verificou. Quer isso dizer que, na infantaria e cavallaria a promoção a 1º tenente e a capitão é sempre feita por antiguidade, divididos previamente os candidatos em dois grupos, sendo o primeiro dos que têm o curso da arma, o segundo dos que não o têm. Em seguida, promovidos na razão de dois terços e de um terço respectivamente, conforme

as vagas, mas em primeiro logar sempre o mais antigo em seu grupo. E' isso que chamam promoção por estudos.

Não ficam aqui as faces interessantes da nossa lei de promoções. Estabelece o art. 9º: «A promoção aos postos de major a coronel, inclusive, será feita em todos os corpos e armas, metade das vagas por antiguidade e a outra metade por merecimento.» Prescreve o art. 10º: «Consta merecimento militar: subordinação, valor, intelligencia e illustração comprovada, zelo e disciplina, bons serviços prestados na paz e na guerra.» Ahi está quasi toda a regulamentação do merecimento. Estudemol a.

A «subordinação» é bem no Exercito um logar commun. A unica autoridade militar que não é subordinada a outra qualquer é o Presidente da Republica. Sabe-se da «intelligencia» de alguém por provas, por manifestações palpáveis. Não pôde haver melhor criterio para que se avalie a intelligencia do que os re-ultados obtidos na educação intellectual, pela instrucção, pelos cursos profissionaes, por trabalhos publicados, conferencias feitas, lições. Todo outro julgamento é gratuito. Assim, pelo art. 10 da lei 1351 de 7 de Fevereiro de 1891, quem nunca exibiu o seu preparo, nunca teve occasião de evidenciar a sua intelligencia.

A «illustração comprovada» liga-se nos seus argumentos á capacidade intellectual. «Bons serviços prestados na paz e na guerra», são condições de merecimento acima de qualquer suspeita. Vejamos a «disciplina, zelo e valor». Ora, o conceito moderno da disciplina é o do cumprimento exacto de deveres. Longe de ser restricta aos militares, ha funcionários, sociedades e povos disciplinados. A disciplina social é uma locução corrente entre os pensadores. Então, o zelo e a subordinação cabem na disciplina, porque todos têm obrigação de ser zelosos e de se subordinar a um certo estado de cousas, que é o meio, aferido pela ordem, sem o que ninguém cumpriria seus deveres. O «valor» é que se não ageita bem como segunda condição na regulamentação do merito, pois parece que elle representa a integração das qualidades profissionaes do official. E' uma resultante. Estas considerações são de molde a provar que a nossa lei de promoções precisa de revisão.

A lei 3175 de 11 de Outubro de 1916 veio completar as condições exigidas para a avaliação do merecimento, estabelecendo que: Art. 1º — A contar de 1 de Janeiro de 1918, nenhum official poderá ser promovido por merecimento ao posto imediato sem que, além dos requisitos exigidos pela legislação em vigor (os que foram acima estudados), tenha, pelo menos, um anno de serviço arregimentado no posto em que se achava, ou ainda um anno de efectivo serviço em commissão technica, se for official de Engenharia ou do Corpo de Saude, ficando comprehendido este período no interestício legal.

Art. 2º — Os officiaes pertencentes aos corpos sem efectivo, poderão servir addidos ás unidades já organisadas de sua arma ou trocarão de corpos a juizo do Governo, para satisfazer as exigências do art. 1º da presente lei.

Nota-se que houve a intenção de considerar serviço arregimentado como merecimento, quando elle é a regra, o caso geral da maioria dos officiaes de qualquer exercito bem organizado. Todo official deve ter a sua qualidade de arregimentado

apenas limitada por sua robustez, que a idade estima, avalia de modo approximado, ou pelas exigencias dos serviços, bem como situações de carácter todo extraordinario. Entretanto, em qualquer arma, nem todos os officiaes podem desempenhar as funcções technicas mais difficeis, que a lei apenas equipara ao merecimento para a Engenharia e Corpo de Saude.

Não estando o orçamento do Exercito de acordo com os effectivos da lei de fixação de forças, por deficiente, o Ministerio da Guerra viu-se na contingencia de dotar os corpos de tropa organizados, com effectivos menores que os minimos normaes, que são os de instrucção, nos termos da resolução de 6 de Fevereiro de 1917 e quadros annexos ao decreto 11499 de 25 de Fevereiro de 1915. O art. 2º da lei 3175 de 11 de Outubro de 1916 quiz prever este caso, para prevenir no sentido de determinar o merecimento. Ora, os officiaes subalternos quando addidos, podem estar sujeitos ao mesmo serviço, que é o regimen de seus camaradas effectivos do corpo, cousa que se não verifica com os capitães, maiores, tenentes-coroneis e coroneis, isto é, com os que podem ser promovidos por merecimento, porque estes, no caso figurado, não commandam, quando a função de commando é tudo quanto há de melhor na vida arregimentada para o preparo dos quadros. Na pratica, a lei pode conduzir a este resultado: uns se arregimentam para, commandando, se candidatar à promoção por merecimento; outros para attingir o mesmo objectivo, assistem as acções de commando dos primeiros, a «juizo do Governo».

Agora, o estudo dos criterios basicos da nossa lei de promoções.

Demonstrado está que não ha entre nós, propriamente, promoção por estudos, mas que o curso da arma é, em certos casos, uma condição.

Essa cousa de ter alguém uma graduação pequena, ou quando mesmo ser parte interessada, em meio de preconceitos, não lhe dá uma grande autoridade e franquesa para estudar a fundo o problema das promoções. E para que se não forme o conceito de que se está a tratar de um interesse pessoal, nada como passar em revista um pouco do que se tem dito entre nós e no estrangeiro sobre a escolha, a selecção e o merecimento como preceitos para formar e manter a hierarquia.

Dado o mecanismo da promoção por merecimento, em que a Comissão de Promoções forma uma lista triplice, que vale por uma proposta, e sendo o Presidente da Republica livre de promover no caso um dos indicados ou qualquer outro official da mesma arma e posto, é logico concluir que o merecimento como principio se reduz á escolha pelo Chefe da Nação, precedida da selecção pela Comissão de Promoções. A escolha é tambem o criterio exclusivo para a promoção a general ou dos generaes.

Julgou o Sr. major Liberato Bittencourt, autor de varias obras, professor da Escola Militar e conferencista da Escola Naval de Guerra, que a «escolha produzirá excellentes ou muito maus resultados: excellentes, quando nas mãos de um commandante capaz, que conheça bem as cousas da guerra e as mais prementes necessidades militares de seu paiz; muito maus, sendo atribuição de um chefe mediocre, que em logar de cuidar

do bem da classe, procure fazer do exercito uma parte da administração.» (3)

O coronel Lobo Vianna, antigo professor da extinta Escola Militar do Brazil, dizia que «o maior e mais perigoso dos inconvenientes que a promoção por merecimento arrasta, é a intervenção indebita da politica», e fazendo suas as palavras do General Kessler, afirmava «que os membros de uma commissão de promoção não conhecem todos os candidatos, mas sobre os nomes apresentados, forma-se uma especie de união e de solidariedade, cuja base firma-se na estima de que os escolhidos gosam entre seus camaradas.» (4)

Sabe-se que, em se tratando de certos assumtos militares, sobretudo dos que se revestem de feição doutrinaria, é sempre facil citar opiniões extremas senão oppostas. O valor de taes conceitos está ligado ao merito de seus autores, donde sua qualidade. Lembremo-nos então das palavras do General Langlois, eminente mestre das idéas guerreiras modernas, que fizeram essa pujante escola franceza, autor de varias obras de vulto e antigo membro do Conselho Superior de Guerra: «a escolha é o regimen de tudo ou nada; deixa os officiaes justamente descontentes, semeando os germens do desencorajamento, como tudo que é contrario á equidade.» (5)

A selecção como se faz, «tem o inconveniente de todas as assembléas: suas decisões são anonymous», disse o general Zurlidem. O General Langlois foi mesmo violento e talvez apaixonado, quando a respeito afirmou «que se tende a desviar as personalidades, favorecendo inconscientemente os bons officiaes, de valor medio, que fazem bem serviço, mas que não emitem idéas, seja porque elles não as têm, ou porque lhes falte caracter para defender idéias novas. É o triumpho da doce e prudente mediocridade, quando o sistema allemao permite o accesso aos mais altos postos dos officiaes que têm feitio, mau caracter, segundo a expressão pittoresca do Marechal von Der Goltz.» (5)

«Para seleccionar, escreveu o Sr. coronel Tasso Fragoso, é preciso julgar e nada mais difícil que um julgamento inspirado no só exame dos factos, sem a minima intervenção perturbadora do sentimento. Não seria impossivel mencionar casos tipicos de individuos promovidos por mera bondade dos chefes, que lhes conheciam a fundo a ignorancia ou a inaptidão militar.»

Todo espirito bem formado concorda que, em principio, no ponto de vista theorico, se deva promover em primeiro lugar o official de maior merito. A dificuldade reside na avaliação desse attributo. Ha uma diferença entre o merito como preceito e o merito julgado. Se os homens fossem perfeitos, o merecimento deveria ser o criterio unico da promoção.

O Sr. Major Liberato Bittencourt, na sua obra já citada, diz que «a promoção por merecimento é o mais perigoso dos systemas de acesso; favorece a incompetencia, encoraja a recommendação, desenvolve a adulção, excita a immoralidade, corrompe os mais nobres sentimentos; tem ainda contra si permitir muitas vezes a promoção daquelles que não dispõem da necessaria capacidade technica; um official pôde ser nm perfeito capitão de companhia, e tornar-se um mau

(3) *Principes Généraux d'Organisation des Armées.*

(4) *Lições de Arte e História Militares.*

(5) *Questions de Défense National.*

(6) «A Defesa Nacional», Outubro de 1916.

major; um bom coronel commandante de regimento pôde perfeitamente não possuir as qualidades precisas a um general de brigada.»

O Sr. coronel Tasso Fragoso pensa que se deve «definir bem o merecimento, prescrever tempo minimo de serviço arregimentado, e ordenar que todos os superiores apreciem por escrito as qualidades do official.»

Estas duas opiniões têm grande valor, nem só pelas pessoas, como porque são de dois officiaes que já foram promovidos por merecimento.

Em resumo, o merecimento como criterio de promoção, exige a existencia de um meio militar, onde cada um possa mostrar o que vale; que haja intrínseca capacidade de julgamento, que se desdobra no preparam profissional como primeira condição, e nessa cavalheiresca grandeza d'alma, como segunda, para que se faça justiça.

A solução do problema deve vir do exame do nosso caso, que é singular. Sancionado como foi o projecto de defeza nacional, descortinam-se-nos perspectivas novas, esperanças. Os recursos votados pelo Congresso, no que entendem com a parte exclusivamente militar, serão com certeza empregados para organizar as unidades previstas do Exercito Activo, installando-as, provendo-as. E tomadas que sejam todas as medidas correlatas, teremos assim criado o inicio de um grande meio, onde os officiaes poderão evidenciar seu merito pelo rendimento util de seu trabalho.

A massa dos nossos officiaes, 1º tenentes, capitães e maiores, é velha para seus postos, havendo em relação à Marinha a diferença de um a dois graus na hierarchia, quando se faz a ajustagem pelas idades ou antiguidades de 2º tenente.

Ha capitães de fragata que eram civis ou mesmo aspirantes ao tempo em que simples capitães nossos hoje, muitos com os cursos das quatro armas e o de estado-maior, haviam attingido ao primeiro posto. Não ha promoção por merecimento, que no fundo é uma corrida de competições, que resolva essa anomalia vultuosa, que vai a tanta gente. Reformar todos os que são velhos para as suas graduações, o que poderia ser theoricamente aconselhavel é para o caso um absurdo, pela enormidade do dispendio e porque ficariam sem officiaes.

A «Defeza Nacional» acaba de vulgarizar um interessante trabalho do coronel Délano do Exercito Chileno, sobre o problema do Alto Comando, onde se lê: «nunca se evita que, em certas épocas, se produzam, devido a causas perfeitamente naturaes, periodos de estagnação nas promoções, sendo absolutamente necessário empregar medidas especiaes para impedil-los; porque estes periodos fataes (como o de 1905) podem chegar a ser uma ruina para o exercito, extinguindo nos officiaes qualidades que foram sempre a origem dos grandes feitos, e que se embotam quando elles permanecem muitos annos no mesmo posto.»

Julgá-se com frequencia que é vantajoso manter os officiaes em serviço no exercito activo enquanto sua robustez o permitta. O conceito, por extremo, não deixa de ser enganador. O exercito permanente é apenas o nucleo do exercito mobilizado. Creado o estado de guerra, não são apenas os efectivos das unidades organisa-das que augmentam, mas é o numero de unida-des que tambem cresce, e então, os quadros das tropas de reserva assumem uma importancia séria.

Não é difficult obter para elles officiaes dos primeiros postos, mas o mesmo não acontece para os superiores e generaes. Dahí, vem o brilhante oficial chileno e aconselha, como quem tem penetrado fundamentalmente os assumptos da guerra, que as reformas obrigatorias nos altos postos são necessarias para «deixar a outros a occasião de se prepararem e poderem substituir os que forem desaparecendo da scena da vida.»

E' possível que se não erre muito dizendo que os nossos officiaes des:jam, não tanto que A passe á frente de B e vice-versa. Não somos assim pequenos. Mas, o que todos aspiram em bem proprio, e sem vaidade, em proveito do Exercito e da Nação, é que nos tirem dessa contingencia de encalhe, de enjambrados.

Ora, pelo quadro que esboçamos a traços largos, caso que as circunstancias fizeram anormal, ninguem pensará em boa logica que devavmos observar um regimen de promoções para um exercito constituído na extensão completa do termo, porque estamos a caminho, auxiliados por todos os bons brasileiros, e portanto não chegamos. Impõe-se-nos, como medida de elementar bom senso, uma lei provisoria de promoções.

Não ha pretenção a legislador, menos ainda a paternidade das melhores idéas talvez aqui contidas. Aproveita-se apenas as que, elaboradas pelo meio, estão em marcha.

BASES DA LEI PROVISORIA DE PROMOÇÕES

1º — Os officiaes do Exercito, de accordo com suas idades e funcções serão distribuidos por tres quadros: Ordinario, Supplementar e Extraordinario.

2º — O quadro ordinario é o da tropa, com as idades da reforma compulsoria da Marinha.

3º — O quadro supplementar destina-se ás funcções militares em principio, mas sedentarias, ou de caracter provisorio, com a reforma obrigatoria nas condições actuaes.

4º — O quadro extraordinario para os officiaes que estão ou vierem a estar em situação mesmo extraordinaria, como deputados, professores vitalicios, etc. Compulsoria vigente.

5º — A reforma compulsoria no quadro ordinario abre vaga, valendo a transferencia para o supplementar.

6º — A passagem para o quadro extraordinario tambem abrirá vaga.

7º — Promulgada a lei provisoria de promoções, é dado o prazo improrrogavel de 3 meses para as reformas voluntarias nos moldes juridicos em vigor.

8º — Findo esse prazo e na vigencia da lei referida, a reforma não poderá ser solicitada, salvo quando o peticionario presumir-se incapaz physicamente, resolvendo o Governo de acordo com a acta da inspecção de saúde. Vantagens, as actuaes.

9º — A reforma por incapacidade physica afasta definitivamente o official do serviço no Exercito.

10º — A reforma do professor vitalicio vale sua aposentadoria, tanto quanto possivel nos termos da lei civil, respeitados os direitos adquiridos.

11º — Fica suspensa por cinco annos, tempo da lei provisoria, a promoção por merecimento, sufficiente para a vinda do novo material, orga-



nisação de todas as unidades previstas, e certa folga para que se colham os primeiros resultados decisivos no pregar da fileira e dos quadros.

12^a — Satisfeita a condição de curso da arma, vinte annos de serviço e quinze de oficial, todo primeiro tenente será promovido ao posto imediato, independente de vaga. (É quasi a lei italiana.)

13^a — Se a disposição acima der um excesso de capitães, que será pequeno, executada a lei na integra, respeitada a condição expressa pela idade, far-se-há a rotação dos quadros.

14^a — Na vigencia da lei provisoria, a promoção só será feita por antiguidade, salvo a de general, que obdecerá ao preceito da escolha, como se faz, e a de 2º tenente pela Escola Militar como condição, e como é.

15^a — No decurso da execução do regimen provisorio de promoções estudar-se-há a lei definitiva, tendo por base os melhores conceitos em curso no Paiz e no estrangeiro, regulamentando-se o merecimento da fórmula a mais explicita, podendo para tanto o Governo enviar aos meios militares que nos podem dar ensinamentos, uma commissão de estudos.

O Exercito Allemão tinha antes da guerra cerca de 1000 officiaes em cargos absolutamente sedentários.

As normas enunciadas resolvem o problema do rejuvenescimento dos quadros, que é de todos uma aspiração, e tão bem posto pelo Sr. capitão Alvaro Alencastro nesta Revista. São contornados os males da antiguidade como preceito, e gosada sua alta moralidade. Haverá um pequeno aumento de despesa, contra o qual ninguém de boa fé ou com seriedade se manifestará, sabendo que foram votados 300.000:000\$000 para a defesa nacional no seu aspecto mais amplo.

R. VILLANOVA MACHADÔ.

ECONOMIAS

"Asylo dos Invalidos da Patria"

"Cependant, les suppressions possibles, susceptibles de n'affecter en rien le service actuel, sont nombreuses. Je ne ferai qu'en signaler quelques-unes, sans autre observation, en en laissant l'opportunité de l'application à la réclitude du jugement de chacun :

1º
2º
3º

13º Suppression de l'hôtel des Invalides.

Th. Iung : Des Principes d'Organisation des Armées, p. 20-21.

Quando arrebentou a campanha de 1870, a França mantinha 408.000 homens sob as armas. Mas desse immenso effectivo, segundo os calculos preciosos de Lewal, só puderam ser mobilizados e transpostos á fronteira 232.000 soldados.

A simples relação desses dous numeros, porém, seria inexpressiva, se lhe não addictassemos que á tropa faltou tudo, porque faltaram cavallos,

fardamento, ambulancias, municio, viaturas e muñções.

Sabe-se que os successos ulteriores da campanha, em tanta maneira desastrosa para os franceses, são funcções immediatas dessa concentração atropelada. E seria facil demonstrar, seguindo parallelamente as paginas sisudas de Lewal, que a mesma concentração, ao revez de um preludio de derrota, era a propria derrota prematuramente desfechada por uma longa serie de erros indesculpaveis.

Não vem ao caso serial-os, todos. Baste-nos, por isso, registar a manutenção custosíssima dos *non-valeurs* — dos inuteis, como traduziríamos — que tendo sido, na paz, uma parcella fantastica dos orçamentos, foram, na guerra, o minuendo espantoso que reduziu os combatentes a um resto inaudito, muito abaixo das tropas normalmente assoldadas.

Ora, entre as 176.376 inuteis, que desgraçaram a França de Napoleão III, só se nomeavam, timidamente, 1.100 invalidos, cuja matrícula no asylo suppunha, como agora suppõe, o preenchimento formal destas condições limitativas: ser titular de uma pensão; contar mais de 60 annos e não ter familia, em cujo seio possa descansar sua velhice; ter molestia ou ferimentos que impliquem, no minimo, a perda absoluta de um membro; e, por fim, depois de atravessar um crivo estreito de informações e de pedidos, não exceder sua inclusão os recursos orçamentarios do asylo.

Pois bem, ante um numero tão pequeno de incapazes e ante condições tão restrictivas, Lewal condenou abertamente o Hotel dos Invalidos, por parecer-lhe uma instituição sem objectivo desde a melhoria das reformas. Alvitrou: "os que não têm familia, sejam internados nos asylos departamentaes para os velhos e os enfermos. Seria uma despesa bem menor que os 2.000 fr. correspondentes a cada pensionista do Hotel dos Invalidos. E seria ao mesmo tempo a desaparição de numerosas sinecuras, que resultam em gastos tão inuteis quanto gravosos para o Thesouro." (1)

Tal o conceito do classicó francez a respeito do annexo, cujo simile no Brasil não encontra o mais leve apoio em que se estribe.

Não vacillemos, pois, em condenmal-o. Nem ha persistir na conservação systematica de um asylo que, sobre concorrer para a extrema penuria do exercito, concorre, mercê de uma contristadora inversão de destinos, para a penuria extrema da invalidez militar — porque o Estado não tem podido nem poderá talvez, em que pese á indebita solicitude dos dirigentes, amparal-o da ruina e da miseria.

(1) Op. cit. p. 38-39.

E' o que se porá bem de manifesto por uma rapida volta ao passado.

O Asylo dos Invalidos da Patria é, antes de tudo, uma criação altruista do sentimento popular.

Realmente, com a chegada ao Rio dos primeiros mutilados do Paraguay, a gratidão nacional exaltada projectou a fundação e o custeio de um abrigo, onde pudesse acolher-se os brasileiros inutilizados na guerra.

Organisou-se uma commissão angariadora; colheram-se donativos valiosos; e par a par com a Sociedade Asylo dos Invalidos da Patria, que para logo se constituira, o governo imperial, secundando a nobilissima iniciativa particular, ajudou a comprar e a construir o isolamento.

Pouco tempo depois, em 29 de Julho de 1868, ao som de uma festa solemne e pomposa, se inaugurava, com a mais rica assistencia, a vasta construcção da Ilha do Bom Jesus. E, segundo testemunhos da epocha, fôra o proprio Imperador quem alli recebera os mutilos da guerra, e quem pelo braço os conduzira á sua nova casa, por entre as alas e as vivissimas acclamações dos grandes do Imperio.

"Em quanto isto se passava o povo, que era immenso, percorria os edificios admirando aqui a simplicidade, ali as commodidades, uns apreciando o isolamento sem comtudo haver de sterro, outros deleitando a vista com o bello panorama que se descobre em torno da ilha, e admirando a variedade das ilhas que bordam a grande bahia de Guanabara." (2) Esse extracto mostra, apezar do seu tropego lyrismo, que o Asylo era, ao menos no nascedouro, um recolhimento confortavel. Houve mesmo o proposito carinhoso, não já apenas de amparar da indigencia aquelles explendidos sacrificados, mas até de garantir-lhes uma existencia quieta e deleitosa.

"Vergonha eterna — exclamou com eloquencia o conego Fonseca Lima — vergonha eterna seria para o paiz se a mão valente, que empunhou a arma para defendel-o se visse na cruel penuria de estender-se para pedir o pão da indigencia! Vergonha eterna se, enquanto os heróes fabulosos arrancam nos spectaculos publicos o nosso ouro e as nossas lagrimas, esmolas sem um pouco de sensibilidade e de compaixão os verdadeiros heróes! Vergonha eterna ao christão e ao patriota que visse sem indignação as victimas da honra e do brio arrastar andrajos por estas mesmas ruas em que a impudicia e a corrupção affrontam impunemente o respeito publico." (3)

Accentuemos bem o sentido caridoso dessas palavras; e accentuemos que, máo grado as instruções de 1867 que regiam e subordinavam directa e administrativamente o Asylo ao Ministerio da Guerra, sua manutenção era meida pela assistencia da Sociedade dos Invalidos, a qual chegou a capitalizar-lhe o pecúlio considerável de..... 1.804:000\$000.

Mas duraria pouco essa tamanha generosidade; porque a mesma gente que a prodigalisa, reagrupada na Associação Commercial do Rio de Janeiro, dispara, em 12 de Agosto de 1884, com uma incrivel rapacidade, o primeiro assalto áquelle patrimonio. E por uma serie de astacias ominosas a que varios ministros resistiram, a que resistio principalmente a Caixa de Amortisamento, chegou, por fim, a açambarcal-o, com a ajuda do Conseilheiro Correia de Oliveira, que tambem lhe extorquiria 220:000\$000 para legar-nos o Collegio Militar.

Começaram, então, os invalidos a viver penosamente dos recursos limitadissimos do Estado.

Desapareceu-lhes o conforto; desapareceu-lhes a mais elementar commodidade; desapareceu-lhes a propria hygiene; e a existencia no asylo vae se tornando de tal maneira precaria que o *Jornal do Commercio*, já em 1899, assim resumiu a dolorosa impressão de uma visita: "quem transpuzer a entrada principal de uma ou outra ala do edificio, sente certa oppressão ao reparar as escadas velhas, imundas, deixando á mostra os montantes lateraes de estuque sem reboco e os forros azebrados pela humidade que se escôa pelas paredes e onde existem faltas de tabôas. E' nesta ala do edificio que se acham os quartos reservados aos officiaes. Escusado é repetir que esses quartos são imundos e repugnantes. Soalhos pretos e ennegrecidos pela falta de asseio, paredes, portas, etc., reclamando uma mão de tinta. Enormes teias de aranha, vidros partidos dos caixilhos por onde penetra a chuva, o emboço das paredes esborrado, caixas de sabão e kerozene servindo de mesa de jantar e de assento, de fogão e de lavatorio." (4)

Ora, ante esses lineamentos de um quadro tão repulsivamente apavorante, não admira que os proprios asylados viessem um dia para as ruas da cidade publicar sua indigencia, e fossem, de redacção em redacção, pedir a todos os jornais do Rio que implorassem dos Poderes Publicos uma esmola, que lhes mitigasse a esquallida miseria.

Mas admira que fossem injustos. Porque na mansa rebeldia de sua immensa desventura o

(2) M. C. Honorato: *O Asylo dos Invalidos da Patria*, p. 28.

(3) Ibid. Sermão celebrado na inauguração do Asylo dos Invalidos da Patria.

(4) Ernesto Senna: "Jornal do Commercio", edição de 24 de Abril de 1899.

disfarce de uma queixa contra os mesmos Poderes Publicos, que nunca os esqueceram.

Realmente, é até notoria a solicitude com que a administração da guerra, ministro por ministro, anno por anno, reclama do governo recursos para o Asylo, que por abrigar invalidos militares não deixa de ser uma instituição parasitaria.

Não nos furtemos, nós, em proclamal-a, incindendo embora na monotonia das transcrições estiradas. Tenho um fim neste escripto: demonstrar á sociedade que o Asylo dos Invalidos da Patria, mao grado o seu nobre destino piedoso, representa uma inutilidade a que ninguem remediaria sem sacrificar o exercito.

Nos limites cada vez mais estreitos dos orçamentos militares, a despeza com o Asylo não é só uma intrujoce, mas até uma imprudencia. E a despeito dessa imprudencia todos os nossos administradores, ainda os mais esclarecidos, não cansam de pedir o que tem sido e será sempre impossivel de obter,

Quem quer que leia o primeiro relatorio do nosso primeiro organisador — o Marechal Mallet, verá que "foram iniciados os concertos mais urgentes em alguns edificios e os trabalhos para a canalisação d'agua, precedendo revisão do antigo encanamento, serviços esses que foram dotados no orçamento vigente com a competente verba, embora esta seja dificiente para attender a todas as necessidades do estabelecimento". E, por isso mesmo, elle pede, como causa urgente, "a construcção de uma prisão para inferiores e de outra para praças com a necessaria segurança e de acordo com os preceitos hygienicos". (5)

Passam-se tres annos de afanosa administração; e no seu ultimo relatorio, de 1901, apesar das mil difficultades de uma quadra obrigatoriamente economica, não descura de lembrar que "a hygiene continua a luctar com os mesmos embraços apontados nos relatorios anteriores, taes como a falta d'agua e a insuficiencia dos esgotos. A' excepção dos edificios ocupados pelo comando, fiscal, secretaria, casa da ordem, officiaes asylados, medico e arrecadações, que precisam, com urgencia, de caiação, pintura, reparos e retelhamento geral, e bem assim a parte habitada pelas familias das praças casadas, os demais acham-se em ruinas. Assim, tambem, os edificios do centro da ilha precisam de concertos, principalmente a casa de residencia do secretario, que se acha arruinada". (6)

Rolam mais seis annos; sucedem-se, periodicos, os ministros; e não se creia no deslise de um esquecimento, porque o Marechal Hermes, outro gestor activo, relata, em 1907, que "conti-

nuam em ruinas dois grandes edificios, ameaçando um delles desabar em virtude do seu estado".

Preconisa: "A reconstrucção dos mesmos torna-se necessaria, afim de evitar-se maiores prejuizos. Os edificios onde se acham installadas a administração e companhias de asylados precisam concertos. As muralhas que guarnecem as ladeiras que dão acesso aos edificios situados no alto da collina e que servem de anteparo ás terras, precisam de reconstrucção. E' tambem de grande necessidade a construcção de banheiros e latrinas no edificio que serve de abrigo ás familias dos asylados. Torna-se ainda necessário a construcção de um pequeno edificio para corpo de guarda e respectivas prisões para inferiores e soldados". (7)

Novo interregno de tempo, em que o exercito se transmuda. Com quanto, porém, tudo melhore, seguindo a marcha progressista das reformas, desalenta ler que "a reconstrucção e concertos dos edificios do estabelecimento e das muralhas que guarnecem as ladeiras que lhes dão acesso é de urgente necessidade para se evitar algum accidente. A construcção de um pequeno corpo de guarda e prisões para inferiores e praças, de banheiros e latrinas no edificio que abriga as familias dos asylados". E sobre todas essas velhas necessidades, este odioso desappontamento: "O edificio de tres pavimentos que serviam de alojamento, refeitorio e cosinha aos asylados, foi incendiado por mãos criminosas a 24 de Janeiro, podendo o desabamento de suas paredes occasionar desastres, se não forem reconstruidas." (8)

Abandonemos os relatorios. Não vale a pena transcrevelos mais, repicando lutuosamente um estribilho que é a imagem contistadora das mesmas paredes encombentes, dos mesmos encanamentos rompediços, do mesmo repulsivo desaceio, ainda uma vez editada pelo ministro actual, que repisa, no segundo, quasi as mesmas palavras do seu primeiro relatorio, para dizer penosamente o mesmo que penosamente haviam dito, sem uma unica excepção, todos os seus predecessores.

Vae se ao Congresso na crença injusta de não dar-se com o eco, amortecido siquer, dessas palavras; mas no Senado e na Camara encontram-as, revigoradas, na exteriorização de bellissimos projectos.

Recordemos, de passagem, o do senador Leite Oiticica, em Setembro de 1899, que na Camara logrou parecer favoravel da commissão de marinha e guerra; a modificação desse projecto, na Camara, em 1901, ao qual nem se negaram os

(5) Relatorio da Guerra, 1899, p. 74.
(6) Relatorio da Guerra, 1901, p. 243.

(7) Relatorio da Guerra, 1907, p. 39.
(8) Relatorio da Guerra, 1910, p. 112.
(9) Relatorio da Guerra, 1910, p. 112.

retoques extra-parlamentares da Associação dos Veteranos do Paraguay; e, mais tarde, em 1904, um outro, em tanta maneira absurdo, que uma pena militar do tempo não se forrou ao dever de combatê-lo pela imprensa.

Ao sentimentalismo liberal, porém, dos nossos legisladores, contrapuzeram-se sempre, maniatando-os rudemente á situação financeira do paiz, estes dados expressivos: em 1907, tocou ao Asylo pouco mais de 15:000\$000 orçamentarios; nos annos subsecutivos, quasi nada; em 1916, nada; em 1917, ainda nada; e nas aperturas económicas, em que vivemos, é quasi certo que só conte — para remediar as ruinas irremediables — com a verba irrisoria das proprias poupanças administrativas.

Ora, ante esse esboço de um problema radicalmente insolvel, concluamos que o mais logico, o mais acertado, o mais philanthropico mesmo, é suprimir o Asylo dos Invalidos da Patria.

Mas não se infira que essa suppressão necessaria atire os incapazes militares ás agoniais da miseria.

Ha outros modos de amparal-os. Apontemlos, de relance.

(Continua)

1º tenente *Dalstro Filho*.

Sobre a instrucção do artilheiro de costa

Não é de molde a dar efficacia o estagio do official de artilharia pelas diferentes modalidades da sua arma, considerado o modo por que o fazemos, sem periodos, sem discriminação do tempo para assegurar-se do seu papel, adquirindo assim a iniciativa que se vae evidenciar principalmente na aprendizagem dos soldados, em que a liberdade na instrucção só vem de uma nitida e ampla comprehensão das funcções, sem que a incerteza de methodo enfraqueça o valor moral de quem ensina.

Acceita como normal a idoneidade pedagogica de todos os officiaes, nivelados pelos regulamentos, que d'outra forma não podia consideral-os, bem se apprehende que a permanencia do official, em qualquer das subdivisões da artilharia, deve ter um determinado tempo, de accordo com as suas disposições. Queremos, com isso, dizer que, conhecida a sua tendencia para qualquer sub-arma, nella permanecerá, arredando-se, dentro de limitado periodo, para não esquecer, servindo nas outras, as generalidades que devem firmar, afim de que a

ascenção hierarchica e a consequente transferencia, como é commun, não o encontrem sem elementos para detalhar-se nos seus novos misteres.

Complicando-se extremamente a arma, sob todos os seus aspectos, não é difficil o enxergar-se que, entre os officiaes de campanha e os de costa, surgem, logo á primeira vista, para mostrar a diversidade de suas funções: — os methodos de tiro e a accão decisiva do primeiro, caracterisada pela rapidez; educado golpe de vista e o complexo arsenal de apparelhos e machinismos para o segundo. Finalmente, si, para aquelle, ha uma relativa liberdade para o seu exercicio, sendo a bateria a unidade por excellencia, que, em todo o exercito, se fixa por seu caracter de maxima efficiencia perante a companhia e o esquadrão, agindo amplamente num vasto campo de operações, dominando pela confiança que sempre inspiram os seus movimentos —, para o de costa, ha a subordinação ao sistema das obras, a prisão ao apoio mutuo, a immobilidade que o obriga a não evitar ataques, a esperar pelo imprevisto dos alvos e pelas soluções com que, de ante-mão, não contava, encontrando certa compensação na fixidez das plataformas e torres e na fartura do abastecimento, imaginado normal.

Na artilharia de campanha, a pontaria directa é um caso particular da indirecta; na de costa, dá-se o contrario, particularisa-se immenso a segunda, individualizando-se o papel das boccas de fogo, o que importa no quasi desapparecimento do tiro collectivo. Temos, portanto, como constante a visibilidade dos alvos e a percepção immediata dos resultados do nosso fogo, o que se não dá com o de campanha, na maioria dos casos. D'ahi, apresentarem-se, como consequencias más, as transferencias dos officiaes de artilharia de campanha para a de costa e vice-versa. Daquelle para esta, a transformação, quanto ao regimen do tiro, soffrida pelo official, é como si elle viesse da actividade para o repouso, pois, por qualquer face que se apresente o tiro costeiro, é elementar o processo empregado ou, melhor, é unico, mesmo com auxilio de todo o conjunto de apparelhos modernos, salvo quando teimarmos inocuamente em considerar viavel usualmente o tiro indirecto com os canhões longos, e essa sensação ainda mais se accentúa com a ausencia da mobilidade accidentada que é o

aspecto principal da arma donde veio, talvez depois de se ter nella mostrado um competente, cada vez mais susceptivel de apuro, cada vez mais apto a transmittir com facilidade o que sabe aos seus subordinados. A passagem para o ramo de *campanha*, desde que este esteja no seu periodo de actividade, desequilibra o official, ainda mesmo que elle, embora dentro de um forte, se não tenha descurado de ler os regulamentos concernentes á dita arma: desde a equitação, já de esquecida practica por elle, atravessando a phase difficil do tiro até a fixidez da bateria, tudo lhe é novo sob o ponto de vista do uso. Ao menos, são estas as sensações que tenho recebido, ficando sempre convencido de que forço a minha tendencia e soffro na minha orientação de quem se approxima, o mais que pode, do conhecimento da sua arma, com esse desequilibrio de periodo incerto. Individualizo o caso, si me permittem.—Depois de mourejar, durante nove annos, pelas fortalezas da barra, como subalterno, fui ser capitão na artilharia de campanha, incorporado a um bom regimento—o 4º—; conheci, o quanto possivel, as minhas funcções, procurando assimilar-as, sem esquecer-me de ouvir os camaradas que, habeis, mais praticos e despreocupados das transcendentias geometricas, podiam guiar-me. Creio que ia bem, quando fui transferido para a artilharia de posição, a que cheguei desaffogado, já despido de certo numero de responsabilidades, mesmo porque regressava á *minha* arma, e lembro-me que a impressão foi suave, por ter sido longo o meu anterior tempo de serviço. Mas, para qualquer que nella chegue pela primeira vez, a sensação será muito differente, atendendo principalmente ás difficuldades do material. Impressionam aqui os factores de ordens differentes, mas que não attingem ás responsabilidades essenciaes, porque as questões de tiro se simplificam, como já disse: —são o aspecto acachapado, a zona limitada para o movimento do pessoal, o ruido das machinas, a massa da artilharia grossa, o amontoado das grandes cargas e dos projectis, o curto espaço dos paíões, etc. Tudo logicamente leva-nos a pensar que é uma necessidade a nossa fixidez ou, pelo menos, longa permanencia nos diferentes ramos da arma, visivelmente no de costa, afim de que se possa obter os resultados esperados das obras da defesa. E mais: os seus commandante têm missões

arduas a cumprir, sem que, muitas vezes, saiba onde encontrar soluções para casos que, por isso, passam a depender exclusivamente das suas qualidades aperfeiçoadas. Muito se tem escripto sobre isso, mas nada está coordenado ou o que ha não tem o cunho official: —ainda ha pouco tempo, confundiam-se espoletas, estopilha e capsula. Para nós, em varios casos, é mister a pesquisa, mas, quando a fazemos, o terreno deve ser pisado ccm cuidado. Na propria biblia do artilheiro, em Girardon, por ex., quando se aconselha a contagem de oito segundos para o tempo morto, dando-lhe o caracter de generalidade, e abandonando o aspecto da "espera", não se fazem comprehender porque, tratando-se dos canhões de grosso calibre, para os quaes destina aquella contagem, e das distancias além das medias, é certo o escape do alvo, desde que este marche com grande velocidade, variando o caso com esta, a do projectil e o comprimento do navio. E, como esta, outras difficuldades se apresentam á practica, cada qual exigindo estudos proprios, notadamente quando não se dispõe do grande livro da experiença.

Em "A Defesa" n. 45, o nosso infatigavel camarada, 1º tenente B. Klinger, no seu artigo "Uma excellente medida", aplaudindo o aviso ministerial em que se declara estar o Governo disposto a dispensar, após as manobras, os sorteados que revelarem aproveitamento, acrescenta que essa medida pode alcançar "as armas de aprendizagem *mais variada, mais complicada* (*), como a artilharia de campanha e a engenharia", porque "as especialidades estão separadas, de modo que, fóra as partes geraes communs a todas as armas, cada um aprende somente esta ou aquella especialidade". Certo, o entusiasmo normalmente mantido pelo nosso collega, a respeito da passagem do maior numero de gente pelas fileiras, afim de fortificar as reservas, levou-o a generalisar as intenções do Sr. ministro e, si não incluiu, no seu sempre reflectido modo de pensar, a artilharia de costa, fêl-o por esquecimento. Não venho contrarial-o, porque as suas razões são logicas, dentro da resalva do *aproveitamento revelado*. Desejo somente mostrar que ellas não nos devem aproveitar, não só sob o ponto de vista da instrucção, como tambem porque, em breve—embora se diga que tal factor deve ser affastado pela moral do

(*) O griffo é nosso.

exercito—as injucções, a que estamos sujeitos, considerariam todos os recrutas como revelando aproveitamento.

Sob aquelle aspecto, o da instrucção, vejamos porque. E' uma questão de tempo, principalmente, pois o marcado é insufficiente para o longo preparo dos nossos soldados. Realisar o vasto programma regulamentar dentro do prazo de uma vintena de semanas, é obrigar-nos ao "affogadilho", porque não desejamos receber o epitheto de malandros, quando outros despejam levas de recrutas preparados, como é vulgar, com reclames exagerados e publicados á guisa de noticias theatraes.

Para o nosso official, as difficuldades que se apresentam e devem ser vencidas antes que elle comece a sua função de instructor, têm por base, hoje, e ainda por bastante tempo, a fallivel equação pessoal, o uso do sentimento, si assim me posso expressar, mas—sem que isso tenha feição paradoxal—educado o melhor possivel para que as approximações obtidas sejam de vantajoso emprego. Com isso queremos dizer que elle tem de ser dotado de certa percepção, que o faça distinguir com facilidade e rapidez os alvos e acompanhá-los o movimento; saber calcular approximadamente, apesar dos telemetros, pela adopção dos pontos de referencia, os espaços intermediarios, etc., para de tudo isso calcular a passagem do alvos pelas "esperras", conseguindo attingil-os com o menor numero de tiros. Elle é, e o será por muito tempo, *um fire contrôle vivo*. A sua educação, nesse curioso sentido, é lenta e, para transmittil-a, torna-se necessário muito cuidado.

(Continua)

Cap. de Art. Jansen Tavares.

O Interesse Pessoal e os Interesses Collectivos

Suplemento ao Memorial sob o mesmo título dirigido à Liga da Defesa Nacional por um grupo de officiaes da guarnição do Rio Grande do Sul. — São Gabriel. 1917.

Os sentimentos altamente patrioticos do nosso presado companheiro 1º Tenente Bertholdo Klinger mais uma vez se manifestaram com a publicação do folheto cujo titulo encima estas linhas.

O trabalho que acaba de ser dado á publicidade encara um problema que seria absurdo nos exercitos daquelles paizes que nos deveriam servir de modelo: o da necessidade de se crearem medidas extraordinarias, visando atrair os officiaes aos corpos, fazendo assim desaparecer a ano-

malia de existirem grande numero de unidades, especialmente fóra do Rio, commandadas por subalternos e desfalcadissimas no quadro de seus officiaes.

Entre nós, até hoje, não foi possivel prestar uma detida attenção á materia de tanta relevancia.

O pequeno folheto do Tenente Klinger, sem pretender abordar detidamente a questão, está sem duvida talhado a prestar um grande serviço. E' uma voz que se ergue mais alto, procurando despertar o estudo de um problema até agora insolvel e da mais vital importancia para a efficiencia do Exercito.

Como todos os problemas essenciaes, este não assenta tão sómente em medidas de caracter administrativo. Seus alicerces reposam sobre uma melhor constituição do quadro de officiaes, uma maior especialisação de funcções, um melhor processo de seleccionamento, uma nova lei, enfim, de promoções, onde se reduza ao minimo o arbitrio da escolha.

Nós desejamos nos deter, oportunamente, em torno das idéas aventadas pelo auctor.

Escripto sob os dictámes de uma grande sinceridade, levado por vezes á vehemencia de quem tem por divisa: "Tudo pela Patria", nosso valeroso camarada foi arrastado, insensivelmente, a uma transgressão da disciplina.

E' um incidente que elle certamente, será o primeiro a lamentar, mas, que de modo algum desmerece o valor de um gesto cuja elevação as proprias autoridades militares saberão fazer a devida justiça.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos as seguintes:

Guia do Instructor de Apontadores — Pelos Tenentes Plutarcho Caiuby e Andrade Neves. Este excellente manual, muito methodicamente organizado, está dividido em cinco partes: instrucção preliminar, pontaria directa (instrucção individual), pontaria indirecta, instrucção complementar, e concurso de apontadores. O livro, materialmente um bello trabalho da Imprensa Nacional, contem 121 paginas com figuras indispensaveis. Os autores evitaram o inconveniente da substituição desnecessaria de expressões já consagradas e foram felizes com as que introduziram, isto é, *espaço immediato, carretel, mostrador do angulo de sitio e volante do sitio*. A primeira preenche uma lacuna, a segunda evita confusões muito communs, dando lugar a que se accionasse um tambor em lugar de outro e a ultima não só é bastante precisa, como mostra bem a função do apontador no sistema de linha de mira ou alça independente.

Como exige a natureza do trabalho, as suas diferentes partes são bastante detalhadas, escriptas com clareza e simplicidade e, assim, ao alcance de inferiores e graduados.

Na instrucção preliminar, quando tratam do encaixe da alça, os autores esqueceram-se de mostrar como a inclinação desse encaixe permite a correção automática da derivação normal contribuindo, assim, notavelmente para a rapidez do tiro.

A' pagina 19 n. 23 não se encontra, de acordo com o titulo, uma noção da linha de mira independente, mas a sua realização no Krupp T. R. 1908. O princípio da linha de mira independente consiste essencialmente na separação e independência das operações: dar a alça (executar o ângulo de tiro) e dar o ângulo de sitio; operações que são realizadas, respectivamente pelo atirador e pelo apontador sem que este dependa daquela ou seja por elle perturbado.

Notamos uma confusão muito generalizada entre nós e já incompatível com o grão de complicações attingida pelo material. E' a denominação de apparelho dada ora ás alças, ora aos mecanismos de pontaria. Achamos preferível denominar mecanismos de pontaria aos sistemas que permitem dar ângulos horizontais e verticais á boca de fogo, e apparelhos de pontaria, especialmente ás alças de mira. Os diferentes elementos deste apparelho seriam órgãos, como o sitometro, o goniômetro, etc. Instrumentos de pontaria seriam o nível quadrante, o sitometro independente, luneta de bateria, etc.

Na instrucção complementar, notamos um modo pouco prático de aferir a mão para a medida de affastamentos angulares em millesimos. Será mais prático, mais mnemônico e mais rápido fazer com que todos os homens apanhem com os dedos o mesmo número de millesimos com o braço ligeiramente estendido e inclinando a mão mais ou menos para traz. Então, cada um saberá a posição que deve tomar para que, por exemplo, com a mão fechada, como mostra a fig. 11, tenha sempre um ângulo de 150 millesimos.

Achamos desnecessário e, mesmo, inconveniente o emprego de palavras estrangeiras mais ou menos aportuguezadas, para substituirem outras da propria língua. Os autores se viram obrigados a empregar *depontage*, mas não se explica o emprego de *gerba* em vez de feixe. Com muito gosto attendemos ao pedido que nos fizeram de corrigir, substituindo a penultima linha da pagina 92 pela seguinte: "dados, a formula $\frac{(n-1)}{2}$ dá o numero de", para a qual chamamos a atenção dos leitores.

Parece-nos que não andaram bem os operosos camaradas quando, como fizeram com o "Tiro à noite", deram um título especial ao "Tiro de ceifa". Este é um mecanismo de tiro e não poderia vir separado do tiro progressivo, do tiro de alça unica, etc.

A falta de espaço não nos permite entrando em maiores detalhes, realçar em cada uma de suas partes, didacticamente tratadas, a excellencia do trabalho dos srs. Tenentes Caiuhy e Andrade Neves; mas, salvo as ligeiras observações que acima fizemos e que em nada lhe alteram o valor, achamos que o mesmo preenche cabalmente os seus fins, e áquelles dedicados camaradas apresentamos parabens pelo grande serviço que acabam de prestar á instrucção de sua arma.

Revista Militar do Brazil — Fascículo VI. Volume II.

Boletim Mensal do Estado-Maior do Exército — Ns. 5 e 6. Anno VIII.

Memorial del Ejército de Chile — Tomo II. Anno XII. Los estudios técnicos en el Ejército nos hacen falta. Estudio sobre el Presupuesto de Guerra.

Estudio sobre una Lei de Ascensos — Por Pedro Charpin, major e jefe de sección en el Estado-Mayor General.

A Estancia — Anno V. N. 6.

Tiro 7.

A Defesa da Patria — Conferencia pelo Primeiro Tenente Ildefonso Escobar. Edição da Liga da Defesa Nacional.

Revista dos Docentes Militares.

Memorial del Estado-Mayor del Ejército de Colombia — Dezembro 1916.

Revista Marítima Brasileira — Ns. 11 e 12.

EXPEDIENTE

Para facilitar aos nossos camaradas a aquisição do "Guia para o Ensino da Táctica", resolvemos vendê-lo a 5\$000, pelo correio 6\$000, aos que não são nossos assignantes; e a 3\$500, pelo correio 4\$000, aos que o são ou tomarem assignatura de um semestre.



Os extravios causados por falta de comunicação oportunamente das mudanças de endereço correm por conta do assignante.



♦ ♦ As assignaturas começaráem em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.